

NUMERO DO NATAL

PARAHYBA DO NORTE — 24 DE DEZEMBRO DE 1922

PREÇO — 1\$200

NO 11

ERA NOVA

NUM. 38

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA



MARIA VERGARA MENDONÇA



A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

PUBLICAMOS NESTE NUMERO:

- | | |
|---|--|
| Avê, Jesus! | Natal (versos) — <i>Luiz Carlos</i> |
| O primeiro perdão — <i>Carlos D. Fernandes</i> | O tatú bola — <i>Dr. José Maciel</i> |
| Impressões de momento — <i>Castro Pinto</i> | Os presentes de Papá Natal — <i>Maria Silveira</i> |
| Arvore maldicta (versos) — <i>S. Guimarães Sobrinho</i> | Lendas amazonicas — <i>José Coutinho de Oliveira</i> |
| O regresso dos Reis Magos — <i>Henri de Regnier</i> | Memórias de um antepassado — <i>Da Silva e Mello</i> |
| Versos íntimos (versos) — <i>Augusto dos Anjos</i> | Alagões administrativa |
| No meu jardim maravilhoso (versos) — <i>Gaspar Coelho</i> | O tempo (versos) — <i>Americo Falcão</i> |
| Perola em monturo — <i>Coriolano de Mello</i> | A ironia — <i>Raul Machado</i> |
| Capinha ispalada (versos) — <i>Ludugêro</i> | Sonho de uma noite de S. João — <i>Shakespeare</i> |
| Cartas de mulher — <i>Viólta</i> | Felicidade (versos) — <i>M. Nacre</i> |
| Pedro Americo — <i>Wanda Novaes</i> | Corvo (versos) — <i>Eduardo Pinto</i> |
| Cyclo espiritual (versos) — <i>Peryllo de Oliveira</i> | Chronica do Natal — <i>Olavo Bilac</i> |
| Os Irmãos Marçal — <i>J. Fiasculo da Nabrega</i> | Nunca desesperar . . . — <i>W. Rios</i> |
| Tantaio (versos) — <i>Othaniel Menezes</i> | O que dizem os gallos no Natal — <i>João do Rio</i> |
| A prece de Anno Bom — <i>Lyllia Guedes</i> | Notas elegantes |
| | Divina apparição — <i>Virginia de Alencar</i> |

ASSIGNATURAS

Capital	Anno - - - - -	14\$000	Interior	Anno - - - - -	18\$000
	Semestre - - - - -	7\$000		Semestre - - - - -	10\$000
	Numero avulso - - - - -	\$600		Não ha venda avulsa	

Numero atrazado 1\$000 • AVENIDA GENERAL OSORIO • Pagamento adiantado

"Vender barato, para vender muito"

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

DA

SERRARIA NAVARRO

F. Navarro & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade



**Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarros:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Sino de Leal,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finas, Morenas, Palha, Gor-
tiça, Hilda, Commercias, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarillos Bahianos, Electra, Brasil Club, Mariette, Ve-
nancio Noiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimosa, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
linados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgo, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
inumeras marcas. — Fabricados com fumo de primeira qualidade.

Mantem sempre grande stock dos charutos Danemann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS 340 OPERARIOS



Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BEGO DO ROSARIO, 119.

SA' LEITÃO & C.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65—RUA M. PINHEIRO—65

PARAHYBA DO NORTE

End. Telegraph.: **BALISA**

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionais e estrangeiras

End. Telegr. — **ALZIRA**. — — — Caixa Postal, 98. — — — Telephone n. 263.

91 — Rua Maciel Pinheiro — 91. ★ **PARAHYBA DO NORTE.**

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerozene, Arame larpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Refinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filiaes em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 16.—Praças Santos Dumont e 15 de Novembro.

End. Tel. **Vergára**—Parahyba

PROCUREM A
EXPOSIÇÃO DE JOIAS

PALATINICK

A RUA MAG. EL PINHEIRO 169

RECEBE ARTIGOS FINOS E VARIADOS SEMANALMENTE

PREÇOS SEM COMPROMISSO

MOVELARIA "PROGRESSO"

DE

MAURICIO ROSENTHAL & IRMÃO

FABRICA MANUAL E A VAPOR BEMERADISSIMO DE
MOBILIAR SIMPLES E DE LUXO

Completas equipadas para salas de visitas e jantar, dormitórios,
"salas" e escritórios, peças etc etc. Encomende
qualquer espécie de carpintaria, como portas, janelas grades,
varandas, etc., todos os trabalhos feitos
com o mais perfeito acabamento e a grande arte de móveis de junco

FABRICA: RUA MAG. EL PINHEIRO, 169

DEPOSITOS: Rua Barão do Triunpho, n. 408



A FARINHA LACTEA "NESTLÉ"

É effectivamente o
alimento preferido pelas creanças

Engorda :-:- **Da vigor**
Fortalece os fracos

ESTIVAS EM GERAL

MADEIRAS DO PARÁ

ARTIGOS DE 1ª QUALIDADE
PARA TOQUETEIROS

Tintas para pintura e fer-
regens grossas

HORACIO & C^A

Representações e conta propria
IMPORTADORES E EXPORTADORES

End. telegr. DOLLAR

Trav. S. Pedro Gonçalves, 7
CAIXA POSTAL, 99

PARAHYBA DO NORTE

A BOTINA FORTE

FABRICAÇÃO DE CALÇADOS SOB MEDIDA E
VENDAS DE AVIAMENTOS PARA SAPATEIROS
—RECEBEDORA, MENSALMENTE DE CAL-
ÇADOS DE TODOS OS MODELOS DOS MELHORES FABRICANTES DO RIO E DE SAO PAULO.

SEVERINO PEREIRA & Ca.

RUA BARÃO DO TRIUMPHO N. 439 (Antigo 29) — PARAHYBA

PHARMACIA DAS MERCÊS

De ALIPIO CORDEIRO

148—Rua Duque de Caxias—148

COMPLETO STOCK DE MEDICAMEN-
TOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Fornecedor das principais instituições da Capital

ATTEDE A QUALQUER HORA DA NOITE

TELEPHONE N. 244

A "CASSIA VIRGINICA"

é um remédio fresco, composto de vegetaes de valor experimentado, para combater com promptidão as febres em geral, sejam motivadas por um resfriamento ou por outra causa ignorada, realisa a cura em curto espaço de tempo sem os inconvenientes do QUININO, que é irritante e causa um grande mal aos albuminuricos, rãdiacos e diabéticos, e peço máo funcionamento em que deixa os rins dando lugar aos ataques de UREMIA, tão communs quando da sua generalidade. — Na ERYSIPELA, faz cessar admiravelmente as dores musculares e dos tecidos, como por encanto, e cura os mais fortes accessos em menos de 12 horas, e não desaparecem os incommodos geraes logo as primeiras doses.

Vide prospecto que envolve cada vidro

LAVOURA, INDUSTRIA E COMERCIO.

GUIMARÃES & IRMÃO

Concessionarios da usina J BURÓ e da fabrica de bebidas de F. GUIMARÃES & COMP.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de generos de estivas, na tintas e assaungos. Deposito permanente de Kerosene, Farinha de Trigo, Cimento, Cachaça e Arque Lampada e Inc., Fabricação de Café, Refinação de Amarelo e Sô.

End. Tel. GUIMARÃES - Telefones 124

Paga Alvaro Mach do, 11, 13, 15 e 17. — Parahyba

Colunas: Rádio A. B. C. e S. R. — D. Postal 100

CASA ARENS

SOCIEDADE ANONIMA

Casa MATRIZ: — Rio de Janeiro — Casa FILIAL: — S. Paulo.

FABRICANTE E IMPORTADORA DE
MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIAS

Mantém vasto STOCK de motores a vapor, óleo, eó, benzina, gasolina, hydraulicos e electricos dos mais variados tipos; dessecadores de algodão, AGULHA leguminas, de 10 a 20 seras; instrumentos agrarios, machinas para beneficiar arroz, milho, café e para trabalhar madeiras; moendas de cinza de todos os tipos e tamanhos; móradores para sal e açúcar; bombas, cerneiros hydraulicos e motobombas de vento; machinas e apparatus para fabricação de, etc., etc.

Catalogos illustrados e informações gratis a quem os solicitar, citando esta revista, ao representante neste Estado.

An. Onio Lucena

CAIXA POSTAL 109

Rua Dr. Gama e Melho, 61
PARAHYBA DO NORTE

RAINHA DA MODA



S. EÇÃO D'ALTAIATARIA

ESPLENDIDO SORTIMENTO

CASEMIRAS INGLEZAS
FRINS DE LINHO
E FINISSIMAS ALFACAS.

Cortador italiano diplomado e premiado com MEDALHA DE OURO pela Academia de Corte de Turim.

CASA DE CONFECÇÃO
PREÇOS MODICOS

Rua Maciel Filho n. 208
Avelino Cunha & Ca.

ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ANNO II

Parahyba, 24 de Dezembro de 1922.

NUM. 3

SOCIEDADE ANONYMA - OFFICINAS GRAPHICAS DA "IMPRESA OFFICIAL"

Directores: Severino de Lucena e
S. Guimarães Sobrinho

Secretario - Epitacio Vidal
Redactor - Vilas F. Alencar

Director-Commercial - Lima Junior
Director-Administrativo - Mardokéo Nacre

AVÉ, JESÚS!

NÃO ha quem não sinta a alma commovida, cheia de uma infinita e doce esperanza, á chegada desse lindo e mystico dia de dezembro em que nasceu, em Bethlem, o filho de Maria, a Intemerata, aquelle meigo Jesus que trouxe ao mundo para redempção dos homens a mais formosa religião que ainda foi pregada na terra! Natal! E a gente, num enlevo religioso, põe-se a evocar toda a belleza imperecível do mysterio christão: aquelle quadro commovedor do nascimento do Predestinado numa mangadoira, a alegria e o temor de José e Maria á vista do filho que uma graça misericordiosa do Senhor lhes dá, a fuga, a romagem sem destino, por terras invias e ásperas, o apostolado da nova Fé, o martyrio, mas, enfim, o milagre da Resurreição!

Avé Jesus! No dia do teu natal toda a humanidade, que tu redimiste, sente ainda aquella alegria, aquella esperanza que lhe deu a voz dos prophetas, ha quase dois mil annos, quando se annunciava a vinda do filho de Deus! E todos nós aqui da Terra, com uma grande crença na tua gloria divina, rogamos, num sursum corda, que se derrame sobre nós a graça de tuas benções misericordiosas!

Avé, Jesus!

CONTO DO NATAL

O PRIMEIRO PERDÃO

De CARLOS D. FERNANDES

Original para ERA NOVA

Quando já estava a Judéa sob o domínio de Roma, vivia em Nazareth um carpinteiro, de hábitos austeros e recolhidos, muito bemquisto, pela sua probidade e cordura, que se chamava José. A sua humilde vida de voluntário do isolamento corria tranquilla, em longas fainas pacíficas, consagradas á engenhosa transformação de rudes tóros de abeto e cedro em portas, em caixas, em janellas, em arcos domesticas, que eram as precisões immediatas daquelle feliz povo de zagaes, de lavradores e prophetas.

Numa certa manhã, daquellas frescas e claras manhãs da Palestina, terra de assombros, de vinhedos e de oliveas, quando José carpintejava, entrou-lhe, portas a dentro, sua velha parente Anna, que lhe trazia um cabaz de fructos do seu pomar e queijos de cabra, do seu rebanho.

—Anna, o Senhor seja contigo, bõa mulher amiga, que me trazes as tuas dadivas, ao velho modo dos nossos Patriarchas, celebrados nos seus canticos por Salomão e David. Assenta-te neste tripó, que agora mesmo ultimei, para o remendão Eliú, disse o santo operario, depondo no banco o seu curto cepilho.

—São lembranças mesquinhas, que te manda Maria, coitada, sempre nas labutas da roca, no amanho do pão, nas lides da casa, acudiu Anna, acomodando-se na indicada tripeça.

—Devas casal-a, que já não é cedo,olveu José; mulheres querem-se novas, para terem tempo de crear os filhos e rizeja para embalar os netos.

—Sim, já pensei nisso. Mas casal-a com quem?

—Oh, filhas, não faltam bons rapazes na Palestina. Leva-a contigo á Synagoga; mostra-la, um pouco, nas festas publicas, que ha de achar noivos a grané. Sim, aquelles olhos, aquella fronte, aquelle rosto, de uma triste formosura contemplativa, impressionam, certamente que impressionam.

—José, tú, me parece, que te declaras. Desposa-la tú, para também nisso respeitares o costume, a tradição dos nossos maiores.

Sabes tú, Anna, se me ella quer? Acho Maria tão retrahida, tão pudente, tão abstracta...

—Ah, mas bem sei que ella te estima e muito gosto teria em que lhe fosses marido. Já certa vez, falámos nisto, de fugida, discretamente.

—E ella? atalhou José, sem cohibir a com-

—Estás a chover no molhado; eu já sabia de tudo. Estas coisas não se escondem, José. Tu és muito prudente, muito cauteloso, mas o teu olhar, os teus gestos te trahiam. Toda Nazareth está cheia do teu segredo. E agora fica sabendo: estes e outros mimos são presentes de Maria, embranças da tua noiva. Ouviste bem?

O carpinteiro considerou eternecidamente e sem dizer palavra o pequeno cabaz, forrado de pampanos, onde, por sobre os queijos appetitosos se acamavam uvas negras, figos verdes, rosados pecegos, entremeados de boninas pelas alvas mãos de Maria. Durou alguns breves momentos aquelle doce extase, que duas lagrimas denunciaram. Anz fez mofa ao choramigas, colhendo-o num materno abraço, e despediu-se para sahir. José apertou-a, fremente, de encontro ao peito e disse-lhe ao ouvido, como em segredo:

—Adeus, mãe, dá um grande beijo devoto na minha cecita, na minha irmã.

Casaram-se os promettidos e estão morando na casinha idyllica, que abre para um valle de serro, cheio de syvas emaranhadas. A vida de ambos é um enlevo casto, uma alliança d'almas, inteiramente forra á actuação dos sentidos. José sente-se tomado de um supersticioso respeito pela candura da sua virgem. Esse estado de adoração multiplica os encantos da bem amada.

Numa certa vez, quando o marido sahira a compras, Maria cardava, muito entretida, quando sentiu envol-

vel-a um clarão suave, que lhe fazia provar uma ineffavel sensação de bemaventurança. Ergueu a face, surprehendida, e divisou, por entre uma nuvem rósea, o anjo Gabriel, resplandecente, que lhe falava:

—«Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; benta és tú entre as mulheres.»

Ouvindo aquellas reveladoras palavras, que a encheram de sobresalto e perturbação, Maria ficou interdicta, como se a razão se lhe obumbrasse. Quedou-se, tacita, numa attitude de inenarravel angustia, que o anjo, para logo percebendo, procurou serenar:



moção, que aquelle ponto da confidencia lhe despertava.

—Ora ella! «Que ainda era cedo, que não pensava n'isso, que eu não tinha quem me ajudasse;» o que vale dizer que já é tempo, que noutra coisa não cuida, que me venha Deus ajudar, se lhe mereço.

—Oh, Anna, é verdade que assim julgas? obviou, um tanto commovido, o operario; e proseguiu: disse-lhe, pois, de minha parte, que também quero; que ponho nisso um grande empenho, toda a minha esperanza, toda a minha felicidade.

—Não temas, Maria, pois achaste graça de-
ante de Deus. Eis conceberás no teu ventre,
e parirás um filho, a quem lhe porás o nome
de Jesus.

Vencendo com o pudor o assombro, que a
menava perpuxa, redarguiu a donzella, escan-
dalizada:

—Mas como se fará isso, se eu não conhe-
ço varão?

O enviado de Deus, placido e magnifico na
sua compostura angelica, esclareceu o myste-
rio:

—O Espirito Santo descerá sobre ti e a
virtude do Altissimo te cobrirá com a sua
sombra; e por isso mesmo o santo, que ha de
nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

Penetrada de effluvios mysticos, genuflectiu
Maria, enquanto uma aureola de graça lhe en-
volvia e illuminava a pendida fronte, exclamando:

—Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em
mim, segundo a tua palavra.

Nisto, soou a voz do marido, que chamava,
da rua, carregado de pranchas:

—Maria, meu amor, já cheguei; abre-me a
porta, vem-me ajudar.

O anjo dissipou-se na transparencia do dia
e a virgem, muito desfeita e d'olhos esgazea-
dos, appareceu a José, que lhe estranhou, afflicto,
aquelle transformado semblante.

—Que tens tu? Quem te magoou? Quem
te fez mal, esposa minha, amiga minha?

Contou-lhe Maria a sua visão, as palavras de
Gabriel, a resposta que lhe dera e o que logo
sentira no ventre, quando sobre ella baixara
a «virtude do Altissimo».

O carpinteiro, homem simples e rustico, d'al-
ma ingenua e recto juizo, sorriu de increduli-
dade, á exaltada e singular confidencia de sua
mulher, e por mera gentileza, não lhe objectou
com os raciocinios, que o trabalhavam. No-
tou, entretanto, que Maria se transformara,
qual se, de subito, se lhe mudasse o rumo do
seu destino.

Correram os dias e o marido, sempre de es-
preita, notava, alarmado, as modificações, que
alteravam os hábitos, o character, o espirito da
sua esposa. Já ella se não entretinha, fiando e
cantando, nas suas longas horas de trabalho,
entre os cavacos e maravilhas odoríferos, es-
parsos no chão, ao habil manejo da polida
feijamenta. Tornara-se Maria meditativa e si-
lenciosa, com vehementes crises de pranto, que
deixavam pensativo o desconfiado José.

—Maria, já não és a mesma; tu me escondes
qualquer coisa; algum máo pensamento,
alguma infidelidade, dizia elle, procurando
desviar os olhos decepcionados do collo da
virgem, que se entumecera, do seu ventre, dos
seus quadris, que tufavam.

—Oh, meu José, não me accuses, não me
crimines; eu sou a serva de Deus, sobre quem
baixou o Espirito Santo; e sorria, enlevada no
seu alto sonho de sublime e divina materni-
dade.

O artifice, que ainda não attingia á
exacta razão daquella aranha não pôde con-
ter, de certa feita, esta respida, amada res-
posta:

—Sim, baixou sobre ti o Espirito Santo,
mas nem elle nem eu somos o pai do teu fi-
lho.

Magoou-se Maria da constante calumnia, dei-
xou correr duas grossas lagrimas e sem perder
a complacencia de santa, retorquiu:

—O que eu quero no ventre é o Filho de
Deus.

José olhou-a, entre curioso e curiosa, pelo
accento da sua infrangivel seriedade; tomou
comigo um rescaldo desiguo e sabio, com
dircção á casa de Anna, onde pretendia des-
abafar, committendo o seu silencio. Che-
gou, falou com a sogra; discutiram ambos a
estranheza de caso; e como era preciso que
tudo se fizesse sem escandalizo nem quebra da
honra, ficou apertado que a infeliz esposa,
para fugir á pena e á vergonha da legislação,
volvesse, sózinha, ao castro da...

Na jornada de regresso, viu José committa-
ndo a mudança de Nazareth, as incertezas,
os trabalhos, as privações da sua esposa miser.
E tudo porque se devotara, embeirado pela belleza
candura de Maria. Eras suas, perdidas e so-
folhadas, todas as mulheres.

Anofecia, quando chegou e o seu anjo
de amor e trabalho, illuminado por um cre-
cente de prata, sobre a colina, parecia-lhe
odioso, pela sua enganosa apparencia de abri-
go e tranquillidade. Entrou de manso, para
não ser ouvido. Ainda resolveu commigo, ao
pensamento, a sua afflictiva situação, mas os
membros lassos da longa marcha estiraram-
se no leito e elle, que pretendia voltar, medita-
ndo o seu caso, adormeceu.

Mal se lhe cerraram as palpebras, ainda que-
tes do abafado pranto, appareceu-lhe em so-
nhos um anjo, que se assentou familiarmente
ao seu lado e assim lhe disse: «José, filho de
David, não temas receber a Maria tua mulher,
porque o que nella se gerou é obra do Es-
pirito Santo. E ella parirá um filho e lhe cha-
marás por nome Jesus, porque elle salvará o
seu povo dos seus peccados». Ditas estas pa-
lavras, o anjo desapareceu e José despertou,
muito tocado daquella visão de Deus, que
lhe viera reprehender o seu temerario joizo.

O resto da noite passou em claro, exami-
nando a sua consciencia de justo, que se des-
viara naquella máo conceito da sua intemera-
ta mulher. Erguen-se, extremunhado, ao pri-
meiro clarão do dia, resolvido a penitenciar-se
da sua ultrajante supposição; e quando se dis-
punha ao cumprimento desse dever, veio Ma-

ria ao seu encontro, pedindo-lhe consentimen-
to para uma visita á sua prima Isabel, mulher
de Zacarias, que morava numa cidade de Judá.

Colindos por esta surpresa, José permittiu
a partida e adiou o seu secreto designio
para outra vez.

Gastou Maria mais de três meses nessa via-
gem e quando tornou á casa, publicava-se, por
ordem de Cyrino, governador da Syria, um
edicto de Cesar Augusto, mandando recensear
o povo.

José deu-se pressa em correr ao chamamen-
to da lei, Jornadeou com a mulher pejada para
a cidade de Belém, onde os registos se faziam.

A estalagem, que buscaram os viandantes,
não tinha mais aposentos para os receber; e
como a primipara provasse os symptomas pre-
cursores do parto, abrigaram-se os dois num
contiguo estabulo.

Dentro em pouco, nasceu a creança e, posto
que fosse meia noite, todos os gallos da redon-
deza entraram a cantar, porque se fez nos céos,
como por milagre, uma radiosa alvorada.

Maria depoz o seu lindo pimpolho numa
cama de feno, sobre a mangedoura, enquanto
uma estrella, baixando do céu, se encaminha-
va para o recém-nado.

José estarrecido de assombro, adorou o seu
filho e assim se dirigiu a Maria, que scismava
em silencio, toda enlevada na contemplação
do menino em torno a cuja fronte se dese-
nhava um resplandor de outro pallido:

—Era preciso, Maria, ó doce virgem immacu-
lada, que eu mesmo duvidasse de ti, para ser
mais inconsulto e mais portentosa a tua pureza.
O teu filho, o nosso filho, é um Deus, que bem
sinto na profundidade, na melancolia, na suavi-
dade do seu olhar. Cumpriram-se, affim, as
palavras do propheta, annunciando que uma
virgem conceberia e pariria um filho, a cha-
mar-se Emmanuel, que quer dizer—Deus com-
nuso. Perdôa-me, esposa minha, tu que és
«vinda de graça» e «benedicta entre as mulhe-
res». Perdôa, santa, em nome do fructo do teu
ventre, que veio para remir o mundo.

Maria tomou nos braços o pequenino Jesus,
toda chorosa daquella arrependida confissão,
em que se traduzia a pungente suspelta do seu
marido.

Encarou na face illuminada e reveladora do
seu archanjo e supplicou:

—Perdôa-lhe tu, que és o Filho de Deus.

Jesus fitou em José os seus grandes olhos
já profundos e magneticos; descerrou, pela
primeira vez, a sua pequenina bôcca vermelha,
ergueu a minuscula destra côr de neve, num
gesto de penetrante misericordia, e disse:

—Pai, não te afflijas, não te commoveas. De-
vidaste; foste humano. Estás perdoado.

IMPRESSÕES DE MOMENTO

CASTRO PINTO

A BANDEIRA. A festa em homenagem ao estandarte nacional foi aqui no Rio uma das mais commovedoras e das mais imponentes desta época memoravel do Centenario.

O dia amanhecera esplendido, pompeando num azul sem nuvens, descobertas em toda a sua magestade as cordilheiras que cercam a bahia, de vastas aguas espelhantes, como talvez não haja no mundo um outro panorama igual.

A's doze horas em ponto, as fortalezas e os navios de guerra salvaram, enquanto os estaleiros, as officinas, as fabricas, os barcos, alleluavam, ensurdecedoramente, em uma gamma de apitos multiplos, em toda a cidade, em toda a extensissima cidade do Rio.

Repicavam os sinos, espiritualizando essa expansão de jubilo.

E não era a simples expressão exterior a symptomatizar aquella effusão patriótica; a alma brasileira experimentava naquelle momento uma grata e profunda emoção, que se era entusiasmo, jubilo, expansão, também era o sentimento de paz e de concordia na familia brasileira, que a bandeira da patria parecia abrigar pela união de todos, varrendo do nosso céu os vestigios de tancor que nestes prolongados mezes de lucta partidaria convolutionaram o nosso meio.

Paz e concordia entre os homens, pois a justiça, pairando acima dos julgamentos parciais da occasião, não distingue culpados e innocentes na commoção que tanto nos abalou no tragico mez de julho deste anno: nós todos somos os culpados, commissiva ou omisivamente, nós, os brasileiros, que estamos a praticar a democracia a bem dos nossos interesses individuaes, dos de nossos parentes e amigos, em cujo circulo estreito encerramos o amor da patria, amesquinhado por nossas paixões, reduzido pelos nossos appetites, profanado pelo sacrilegio de nossos egoismos irrefraevéis.

Ha, de certo, gradação nas responsabilidades: entre o delicto passional dos demagogos e a perversidade ingenita do folletario diffamador e intrigante, entre os erros administrativos e o opposicionismo cego e tumultuoso; mas todos, os que agimos e os que nos neutralizamos, somos culpados pelo que actualmente padece o Brasil.

Estes pensamentos se misturavam com os estros de minha grande emoção, ás doze horas do dia 19, enquanto no topo dos mastros, no mar e em terra, o auri-verde pendão des-

dobrado aos ventos, parecia dizer, numa prece baibuciada: — paz e concordia.

E em terra e no mar os canhões, as sereias, os sinos, ribombando, apitando, repicando, traduziam o entusiasmo de ser brasileiro, com uma patria una e uma unica bandeira, uma só familia no nosso povo todo, voltando ao lar da nossa terra a conciliação dos animos, a confraternização das almas.

BENITO MUSSOLINI. Os acontecimentos pôdem mais que os votos eleitoraes, a marcha das idéas vencedoras assoberba os poderes publicos, zomba das combinações politicas, e transforma as situações, praza ou não aos dominadores da época, aos que por estarem de cima não percebem que ha muita coisa por sobre elles, todo o complexo mysterioso dos imprevistos, a directrix ignota das fatalidades.

A Italia se via ameaçada pelo bolchevismo, cujo conceito mais positivo é o nivelamento pela demolição.

As forças latentes da nacionalidade, cujas raizes são as mais entranhadas na historia, systematizaram-se em um movimento, cuja surpresa enche de admiração o mundo, e um homem personalizou o acontecimento, constituindo-se o maximo representante do fascio.

Mussolini era um predestinado; nelle se concentraram os influxos da ascendencia peninsular, desde etruscos e romanos, com o exerto dos povos invasores e as nuances primitivas da raça, espalhada no triangulo cuja base são os contrafortes dos Alpes.

E não se explica o homem sómente pelo homem: seria a mera explicação do phenomeno de alta biologia.

O homem na sociedade não se define sem ella; as pessoas e os factos conjugam-se de tal modo que um Mussolini é incompreensivel sem o fascismo e este não venceria sem elle.

E a formula é: homem, força social, sociedade, desdobramento do homem; ou, por outras palavras, Mussolini, energia mascula de um povo exaltado de patriotismo, e o fascio, orgasma do sentimento civico na velha e gloriosa Italia, a obra cujo mestre, planeando,



Mlle. DULCE FREITAS, da alta sociedade bahiana.

corrigindo, ensinando e guiando, é Benito Mussolini, o indomavel.

E a lição é a de todos os tempos e de todos os logares: sem homens que as encarnem e as façam viver, as idéas são estrellas inertes, brilhando na sua esterilidade apothéutica, de cuja belleza não sabemos o que fazer, senão admirar.

Rio, 21 de novembro de 1922.

Alfaiataria Florentino

Os srs. G. Florentino & Lyra, proprietarios da acreditada Alfaiataria FLORENTINO, de nossa praça, communicaram-nos haver recebido um importante e variado sortimento de casemiras inglezas, claras, proprias para as festas de natal e anno bom.

A Alfaiataria Florentino, devido aos seus cortadores srs. G. Florentino e Paschoal Sette, tem conseguido uma grande freguezia, pois as roupas por ella confeccionadas são as mais elegantes e bem costuradas.

Recommendamos a Alfaiataria Florentino, que tem um dos melhores sortimentos de casemiras inglezas, palm-beach, brins brancos e de côres e seus preços são os mais commodos possiveis.

ARVORE MALDICTA

(A Leopoldo Pires, a delicado cinzelador do "Jardim das Fontes Silenciosas", carinhosamente)

**Essa é a árvore sem pássaros, sombria,
Sombria e de ramagens amplas, onde,
Como uma eterna maldição, esconde
O travo de uma funda nostalgia.**

**Da árvore triste da melancolia,
Não adormêças nunca á suave fronde:
Rompem-lhe o cerne fremitos avonde,
Tem phantasmas gemendo á ramaria!**

**Foi essa árvore de fataes raizes
Que matou a alma tétrica de Nóbre,
De Anthero e de outros poétas infelizes.**

**Mas é, também, essa árvore maldicta
Que a minha sombra de homem triste cobre,
Nas horas de pêsar e de desdita!**

(XII - 922)

Leopoldo Pires

O Regresso dos Reis Magos

(HENRI DE REGNIER)

Os reis magos, Melchior, Gaspar, e Balthazar, apressavam a jornada, anciosos por chegarem, guiados pela estrella, á villa de Bethlém na Judéa, e adorarem, deitado sobre as palhas da mangedoura, o menino divino, que devia transformar o universo.

Elles desejavam ardentemente encetar quanto antes o regresso aos seus longinquos reinos, onde das movediças areias se levantavam as enganosas miragens, e rever as suas florestas, com os seus crystallinos regatos, serpenteando por entre a verde relva.

E' lá que elles são esperados pelas esposas adoradas e seus fieis servos.

Como será agradável banharem na agua das piscinas seus corpos fatigados! A viagem por elles empreendida era, com effeito, longa e penosa. Era-lhes preciso atravessar extensos e áridos desertos e galgar escarpadas montanhas, onde a poeira desecca a garganta e o aspero vento dos cumes irrita as palpebras. Logo que entraram no territorio da Galiléa, fôram atormentados pelo frio, de tal fórma que os flocos de neve enbranqueciam as suas barbas orientaes. Nas cidades, onde paravam, obtinham acolhimento diverso. Umas vezes os governadores, desconfiados, tentavam retel-os, outras afastal-os, mas por toda parte sua apparencia de estrangeiros e seus vestuarios exóticos excitavam a curiosidade dos habitantes, que se agrupavam em torão com um ardor indiscreto. Sua presença provocava o riso e algumas vezes mesmo eram apedrejados. Em Jerusalém, o rei Herodes mandou submettel-os a um minucioso interrogatorio, antes de lhes permittir que consultassem os doutores sábios sobre o nascimento do menino mysterioso.

Não logrando obter desses personagens outra coisa que não fossem opiniões contradictorias, e ainda com a mente confusa das controversias, continuaram a rôa, sem terem obtido a certeza do que procuravam. Foi assim que a estrella os conduziu a Bethlém, onde um pastor lhes indicou o estabulo natal. Logo que adoraram o menino divino e lhe offereceram o ouro, incenso e a myrrha, elles apresentaram-se para as longas caminhadas, que deviam effectuar antes de chegarem aos seus domínios! A' saída, enorme multidão os esperava chafaceando e rindo desses estrangeiros que, dizendo-se reis elles mesmos nos seus paizes, vinham de tão longe para verem o recém-nascido de Maria e José, o carpinteiro! A volta era penosissima. A estrella não luzia mais no firmamento para guial-os; muitos de seus camellos tinham morrido e as provisões tinham acabado, sendo-lhes preciso sustentarem-se somente dos recursos naturaes do paiz.

Esse pensamento aterrorizava o rei Balthazar, que, embora fosse o mais idoso dos três, era contudo o mais guloso. Quanto a Melchior e Gaspar, seu máo humor provinha de outras causas. Essa longa viagem elles não a tinham empreendido por sua livre e espon-

sem incidentes e depois de realizadas as primeiras etapas, produziu-se uma reviravolta no espirito dos viajantes. Elles decidiram-se a tomar por um caminho differente daquelle que haviam até então seguido, e que além de encurtar consideravelmente a distancia que tinham a percorrer, proporcionav-lhes maior commodidade. Não é melhor evitar os aborrecimentos onde elles se encontram? Melchior e Gaspar disso se convenceram e o bom humour voltou a reinar entre elles.

O rei Melchior não tardou muito a dar provas disso. A curiosidade causada pela passagem das caravanas reaes, longe de aborrecel-o como até então tinha acontecido, a ponto de mandar açoitiar os curiosos, era para elle um pretexto para pavonear-se defronte delles, fazendo admirar a sumptuosidade do seu vestuario e o brilho das suas armas. Algumas vezes mesmo, elle dignava-se demonstrar a esses rusticos o seu desembaraço e atirar com o arco e a manobrar o cavallo. Além de seus talentos de archeiro emerito e cavalleiro consumado, o rei Melchior não possuía outros. Elle era um principe guerreiro que, por uma ironia do destino, tinha sido designado para reinar sobre o povo mais pacifico do universo. Elle só almejava arrastar o seu povo para as aventuras bellicosas, para as quaes este não tinha as minimas tendencias, e os seus ministros tinham todo trabalho para moderar o seu ardor, coisa que suscitava surdas murmurações, e tornava-o mais temido que amado. O rei Melchior era impopular e os seus conselheiros estavam satisfeitos de, sob o pretexto do nascimento de um menino miraculoso, poderem afastar d'capital um senhor bellicoso e turbulento.

tanca vontade, mas sim tinha-lhes sido imposta pelo sentimento popular por intermedio de seus ministros. Foi devido a um desses vagabundos que entram nas cidades propagando boatos extraordinarios, que se alastrou entre os subditos dos reis Melchior e Gaspar o boato do proximo nascimento de um menino que devia regenerar o mundo, e esses rumores, correndo de bôcca em bôcca, tomaram consistencia e acabaram por turvar as razões. Faziam-se ajuntamentos para os commentar. As mulheres esqueciam-se das suas obrigações e os escravos abandonavam o seu trabalho. Pouco a pouco, a agitação assenhoreava-se de todos os espiritos. Cada noite as muralhas cobriam-se de curiosos, que observavam a estrella annunciadora. A vida estava como que suspensa. Era, portanto, ao rei que competia remediar a anciedade popular. Foi isso que os ministros fizeram comprehender a Melchior e Gaspar. Melchior e Gaspar puzeram-se, portanto, em marcha e encontraram o rei Balthazar, que caminhava igualmente pelo paiz longinquo, ancioso por voltar ao seu reino oriental.

Os primeiros dias de marcha passaram-se

Mais joven que o rei Melchior, o rei Gaspar não era, como elle, um archeiro emerito e nem um cavalleiro consumado. Os exercicios do corpo e as aventuras bellicosas não offereciam o minimo attractivo a este principe pacifico, cuja physionomia era bondosa e o corpo ligeiramente obeso. Essas qualidades moraes deviam conquistar-lhe a sympathia dos subditos, mas infelizmente não acontecia assim, pois os subditos do rei Gaspar mostravam disposições hereditarias para a rapina. Vizinhos terriveis, elles não faziam outra coisa senão emboscadas, golpe de mão, combates e cercos. A carreira das armas era a unica considerada entre elles, resultando dahi o pouco apreço em que era tido o rei Gaspar. Em vez de organizar as expedições fructuosas, elle aplainava as divergencias que causavam pretextos para incursões nos territorios

VERSOS INTIMOS

*Vês?! Ninguém assistiu ao formidavel
Enterro de tua ultima chimera
Somente a ingratição — esta panthéra —
Foi tua companheira inseparavel!*

*Acostuma-te á lama que te espera!
O Homem, que nesta terra miseravel,
Mora entre fêras, sente inevitavel
Necessidade de também ser fêra.*

*Toma um phosphoro. Accende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a vespera do escarro.
A mão que affaga á a mesma que apedreja.*

*Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja esta mão vil que te affaga,
Escarra nessa bôcca que te beija!*

AUGUSTO DOS ANJOS

NOTAS INFANTIS



ARSENIO E ARMINIO
Filhos do diplomata Felix Guerra



zinhos. Esse seu modo de agir, que demonstrava a excellencia de seu caracter e a bondade de seu coração, aborrecia os chefes das tribos cuja brutalidade elle reprimia. Assim aproveitavam elles a occasião que se lhes offerecia para aconselharem, com uma insistencia sem réplica ao bom rei Gaspar de procurar numa longa e perigosa viagem o prestigio que lhe faltava. O que elles não confessaram, porém, era que pretendiam aproveitar-se da ausencia do rei para levarem a bom termo algumas incursões pelo territorio vizinhos, para os quaes o rei Gaspar negava sempre de dar o seu consentimento. Se os reis Melchior e Gaspar se puzeram a caminho nas condições já descriptas, o rei Balthazar os tinha precedido por circumstancias um pouco diversas.

O rei Balthazar era de baixa estatura, secco e peludo, com uns olhos intelligentes que muito tinham visto e muito observado, pois o rei Balthazar já tinha ultrapassado os cinquenta annos. Era elle um estadista experimentado nos negocios do seu reino e fino politico, o que não o impedia, porém, de applicar-se ás bellas artes. O rei Balthazar cultivava a musa e tinha também composto diversos tratados sobre philosophia e moral, se bem que a sua moral consistisse sómente em bem aproveitar a vida e a comportar-se de conformidade com os seus interesses. O futuro do seu povo não o preocupava e tamponco lhe interessavam os acontecimentos que pudessem favorecer o bem estar universal, se o rumor do proximo nascimento do menino divino que devia transformar a face do universo, não lhe offerecesse ensejo para poder dar livre curso a uma paixão que elle nunca tinha podido satisfazer. O rei Balthazar era muito curioso das particularidades do universo, dos usos dos outros povos e dos costumes estrangeiros, mas uma antiga lei do naiz prohibia ao soberano

ultrapassar a fronteira. Essa prohibição causava pesar ao rei Balthazar. Era, portanto, chegada a occasião para renovar essa antiga prohibição. Não era necessario obter informação sobre a personalidade desse menino, cujo nascimento era annunciado por signos extraordinarios? O rei Balthazar recorre o seu conselho d'Estado e offerece-se para se pessoalmente averiguar o facto, sendo necessario sómente para isso, vencer, como de facto foi, a secular prohibição. O rei Balthazar parecia prazenteiro. Pôde ser que elle tivesse preferido não encontrar os reis Melchior e Gaspar, mas foi-lhe preciso accommodar-se em sua companhia. Elle não se importava com os vicissitudes da viagem e não podia occorrer-lhe para instruir-se em mil coisas interessantes e não se esquecia da politica.

O rei Balthazar não negligenciava essas relações, que lhe pudessem ser proveitosas para o futuro. Feitas as contas, o rei Balthazar não estava descontente do resultado de sua expedição, e de ter pago com algumas fadigas o prazer de ter visitado os paizes distantes e de ter visto o menino divino, sobre as pallias da mangedoura, entre um burro e um boi! Não grado o seu contentamento, o rei Balthazar achava extenso o trajecto e lamentava que os reis Melchior e Gaspar não offerecessem assumpto para conversação, pois o rei Balthazar a adorava, e a de Melchior e Gaspar era falta de qualquer interesse. Melchior era vaidoso em extremo e Gaspar prégador. A arrogancia de um agastava Balthazar, e a bondade excessiva do outro o adormecia. Melchior não falava doutra coisa senão de suas proezas guerreiras e de seus altos feitos, algumas vezes mentirosos; Gaspar discutia invariavelmente sobre seus projectos pacificos. Um não pensava noutra coisa que não fosse a gloria ou a justiça, e o outro a

Balthazar igualmente vão e inútil, de tal sorte que elle preferia fazer a jornada á parte entregue sómente aos seus pensamentos. O rei Balthazar deixou portanto, que os seus companheiros se distanciassem e soffrendo a andadura do seu dromedario, entregava-se á influencia de suas idéas e deixava-se embalar pela cadencia dos passos da sua montaria.

Costumava formular a si mesmo varios problemas de ordem politica, moral ou philosophica, sob a fórma de maximas ou disticos. De repente, tendo uma idea engenhosa atravessado o seu espirito, parou a sua montaria e tirando da sella um papyrus e molhando a canna na tinta começou a escrever o resultado da sua meditação para não perdê-la da memoria, pensando servir-se della em tempos vindouros. Seus disticos o preocupavam. Elle esforçava-se por dar-lhes toda a consistencia e elegancia desejaveis, e prometten a si mesmo confial-os á sua volta, a habéis calligraphos que deviam ornal-os com letras ornamentaes e arabescos vistosos. Elle leu-os a si mesmo com uma voz modulada e entoação preferenciosa e viu assim que tinha composto duas canções, uma sobre a estrella, outra sobre o menino divino, que lhe tinha causado forte emoção. Ensaiou mostral-as a Melchior e Gaspar, mas esses dois reis não tinham prestado mais que uma mediocre attenção, e essa negligencia avivou a antipathia que Balthazar professava por elles.

Assim elle via approximar-se com magua o momento de separar-se delles, no ponto onde se tinham encontrado. De já Melchior devia dirigir-se a oéste, para chegar ao seu reino, e Gaspar a éste para encontrar os seus subditos. Faziam a cada um dois dias de jornada para chegarem ao termo da viagem. Quanto ao rei Balthazar, sua capital ficava situada mais ao

NO MEU JARDIM MARAVILHOSO

GASPAR COELHO

*Põe uma nota de arte e luxo,
entre os tivores da alameda,
a pluma nivea do repuxo.*

*A brisa passa leve, lèda,
por entre frondes se insinua
e beija petalas de sèda.*

*Por vezes, clara, explende a lua.
Nuvens dansando estranhas dansas,
vozes na sombra que fluctua.*

*Ronda de sonhos e esperanças
e uma velada, ignota magua
no farfalhar subtil das franças.*

Choram no tanque as gottas dagua.

*Lindo Jardim Maravilhoso,
na lactea phantasmagoria
deste luar, é uma harmonia
o teu silencio luminoso.*

*Paira no espaço, esparso e quente,
o cheiro ameno dos rosas.
Perfume exotico, envolvente,*

*Ala-se em finas espiraes.
Ansias de flôres que se elevam,
Polen da dôr dos vegetaes.*

Alma, aonde vaes, onde te levam?

*Na velutina do canteiro
as folhas tombam lentamente...
onde o sol — lucido brazero,
que as fez viver soffregamente?
Passou... Os altos galhos deixam
é um som de queda no ar dormente...
E como as arvores se queixam?*

*Fa, como as arvores, um dia,
alma sem paz, alma inquieta,
hei de assistir, triste, 'a agonia
das minhas crenças de poeta!*

*Choram no tanque as gottas dagua.
Põe uma nota de arte e luxo,
canta entre lagrimas e magua
a pluma nivea do repuxo.*

duzia de dias: estava porém firmemente resolvido a não se apressar. O paiz que elle tinha de atravessar era fertill e ameno e Balthazar deixava-se inspirar pelo marulhar das aguas e o sussurro das folhagens, para compôr algumas novas estrophes harmoniosas, que elle pudesse reler quando retomasse as pesadas obrigações e as inquietações do poder.

Fôram os pastores que estavam recolhendo os seus rebanhos que correram a annunciar á capital o regresso do Rei Melchior, e em seguida todo o povo, abandonando suas occupações, agrupou-se nas ruas para aguardar a passagem do principe. A multidão, ansiosa, aguardava as noticias que o rei tinha trazido sobre o menino divino e interrogava a phisionomia real com os olhos. Máo grado essa curiosidade não experimentavam mais que um mediocre prazer de rever o rei. Durante sua ausencia o paiz tinha gosado duma honrosa paz; seus ministros tinham governado sabiamente e entretido com os reinos vizinhos relações amistosas. Esse periodo de repouso teria agora um fim? Era crível que sim; o rei Melchior nada tinha perdido, durante a viagem, de seu ar marcial e o modo como elle fazia soar sobre as lages os cascos do seu cavallo provava que elle não se desfizera do seu espirito bellicoso. Emquanto o povo fazia essas reflexões, o rei Melchior dirigia-se ao seu palacio. Apenas lá chegado, reuniu os seus ministros e falou-lhes assim:

— Veneraveis senhores, eis-me de volta da minha grande viagem. Não vos contarei os perigos e difficuldades que enfrentei, isso vos faria tremer. Que vos baste portanto, saber que tudo tenho vencido, graças ao valor dos meus braços e á força das minhas armas. Como quer que seja, cumpro a missáo que me tinha sido confiada. Vi o menino divino e vou contar-vos o destino que elle nos reserva.

O rei Melchior poz a mão sobre o punho da sua espada e, dardejando sobre a assembléa um olhar bellicoso, continuou:

— «Esse menino, veneraveis senhores, será o maior rei da terra. Seu poder se espalhará sobre o mundo inteiro e nada escapará ao seu dominio. Assim será porque elle é o filho do Deus dos exercitos. Felizes dos povos que serão chamados a segui-lo e a participar da sua gloria! Eis porque, veneraveis senhores, é preciso cingir os nossos bustos e exercitar os nossos braços. Renunciae a' essa indolencia na qual costumaeis viver e contra a qual nunca deixei de protestar. Deixemos a charrúa e o aguilhão, e agucemos nossas espadas e lanças, a fim de que o filho do Deus dos exercitos nos chame para junto de si e faça de nós seus companheiros de conquista.»

Logo que os vigias, do alto das torres, tinham annunciado, ao som das fanfarras, que o cortejo do rei Gaspar se approximava das portas da capital, todo o povo em armas foi ao seu encontro, com gritos selvagens, e foi

entre aclamações guerreiras que Gaspar fez a sua entrada na cidade. Para o honrarem, os archeiros obscureceram o céu com uma nuvem de flexas, a que se misturavam um sem numero de pedras lançadas pelas fundas, sob as quaes o bom rei Gaspar abaixava a cabeça, não sem anciedade. Foi com prazer infinito que elle, entrando em seu palacio, pôde escapar a essas demonstrações tão pouco de seu agrado. Os ministros o aguardavam para lhe darem conta do que se tinha passado durante sua ausencia. Diversas expedições tinham sido coroadas de exito e elles enumeravam-lhe os trophéos tomados ao inimigo. O rei Gaspar escutava-os sorrindo, e quando elles acabaram, falou-lhes n'estes termos:

— «Excelentes senhores, em troca das noticias que me destes, eis as que eu vos trago. Como me foi ordenado, caminhei por longo tempo, sob a direcção da estrella. Não vos contarei os detalhes da jornada. O que vos é necessario saber, é que vi deitado sobre as pasthas da mangedoura, entre um burro e um boi que o aqueciam com o seu hálito, o menino do céu, que deverá ser rei sobre a terra. Não existiam guardas armados encarregados de velar pela sua segurança, mas alguns pastores da vizinhança tocavam suas arias rusticas para adormecel-o. E entre elles e sob o tecto protector de seu pae adoptivo, que é um pobre carpinteiro, é que elle crescerá até ao dia em que apparecerá entre os homens para trazer-lhes a paz e a justiça. O reinado desse menino será justo e pacifico. Assim pois, excellentes senhores, preparemo-nos a recebel-o

PARA FESTAS, ANOS E REIS:

“FULÔRÊIOS”

O LIVRO DA ÉPOCA

LIVRARIA ANDRADE

e a escutar a sua palavra misericordiosa. Elle nos ensinará a nos amarmos uns aos outros, a perdoarmos as injurias, a sermos humildes, doces e pacientes. E' por isso que de hoje em diante deveis renunciar ao orgulho das vossas funcções, e deveis misturar-vos com o povo, para tornar conhecidas as verdades que eu vos expuz. Tirae das vossas cinturas esses sabres cortantes, de que jamais vos servireis que cada um de vós tire a corda de seu arco, a pedra de sua funda e embote o ferro da sua lança! Que cada um se abstenha de querellas e violencias. Restitui ao inimigo os trophéos que lhe tomastes e soltae os prisioneiros, pois essa é a proxima lei da justiça e da paz, cuja aurora libertadora é annunciada pela estrella.»

Apenas o rei Gaspar assim tinha falado, o mas joven dos ministros

AVANTOU SE PARA

ponder-lhe. Seu olhar duro fixou-se desdenhosamente no rei e com voz rude elle disse:

— «Rei Gaspar, pensas então que é prudente e opportuno fazer o que nos recomendamos e pensaste bem nas tuas palavras? propostas; ellas não fazem outra coisa senão provocar a desconfiança do povo e suscitar a tua cólera. Toma cuidado, ó rei Gaspar, ouço rugir em torno de ti uma tormenta ameaçadora . . . »

Nesse interim, o rei Balthazar, depois de ter-se separado dos reis Melchior e Gaspar, continuou sua rota. Elle não estava a mais do que um dia de jornada distante da sua capital e tinha parado num pequeno valle frondoso, para gosar a sesta, quando vieram advertir-lhe que dois mensageiros procuravam falar-lhe. Um viera do paiz do rei Melchior, o outro do rei Gaspar e diziam-se portadores de importantes noticias. Assim era com effeito; uma dupla insurreição tinha-se declarado nos reinos dos reis Melchior e Gaspar, fomentada

pelos ministros ambiciosos. Elles tinham aproveitado o descontentamento causado pelas noticias que esses príncipes livres tinham transmitido sobre o destino do menino miraculoso, para excitar contra elles a cólera do povo. Em vez de quando o rei Balthazar recebera essas mensagens, ficou perplexo. O que os reis Melchior e Gaspar tinham exposto sobre o destino do menino divino reproduzia exactamente as opiniões dos sábios de Jerusalém. Melchior e Gaspar tinham adoptado a opinião que melhor convinha aos seus caracteres sem pensar a maneira com que os povos a acceberiam. Ora, tendo esse resultado tão grande mal a esses príncipes, Balthazar não queria de forma alguma compartilhar de sorte igual. Assim entregou-se elle a profundas meditações. Estas duraram longo tempo, e depois de ter o rei Balthazar passado pela terceira vez seus dedos delicados pela sua longa barba, um sorriso de satisfação illuminou seu semblante fino e magro; depois desfoltando lentamente uma

folha de papyrus e molhando sua canna finta, elle escreveu assim:

«Sábios ministros, povo bem amado, Balthazar vos saúda de volta da sua viagem. É verdade que não venho repleto de novidades, e não nos é dado o dom de poder augurar seu divino destino. Mas sei que ao menos essa longa ausencia não foi todo inutil. Percorrendo tantos paizes longos, aprendi melhor a apreciar a doçura de viver entre vós, antegosei as delicias dos vossos costumes e admirei a sabedoria das suas leis. Essas fôram as experiencias da minha viagem, e é isso que vos tem a dizer Balthazar.»

Depois o rei, reunindo os seus servidos mandou a um delles a mensagem para que mandasse affixar na cidade. A mensagem accollida com transportes de jubilo e de triumpho, Balthazar, no dia seguinte, fez uma entrada triumphal, pois o que os povos apreciam mais e preferem mais que a verdade, a riqueza e a gloria, é a lisonja.

“SEM ME RIR, SEM CHORAR...”

Bastante adeantada já se encontra nas secções graphicas da Imprensa Official a impressão do magnifico livro do nosso auctorizado collaborador dr. José Americo de Almeida.

Esse livro, que é o primeiro editado pela Empresa *Era Nova*, está sendo anciosamente esperado nos melhores centros intellectuaes do nosso meio e por onde se irradia o prestigio litterario do notavel escriptor parahybano.

Todo esse volume é constante das scintillantes chronicas já publicadas pelo auctor nesta revista, que com se-

rem estampadas em diversas épocas, nunca perderão a sua actualidade, pelos substanciosos conceitos que encerram e pela elegancia e colorido de que as mesmas são revestidas.

Além desses laborados escriptos, o referido volume será accrescido de outros ainda inéditos, de incontestavel valor.

Dessa obra, cuja grande parte de exemplares já se acha solicitada, resta-nos um reduzido numero que exporemos, logo que saia do prelo, á venda no escriptorio commercial desta revista.

peculio de um conto de réis, ou quantia equivalente aos socios existentes no dia que se verificar o obito. O senhor Nuno Teixeira Filho, a quem está confiada a direcção da sociedade, vem de nomear agente geral em todo Estado ao senhor Manuel Egydio do Nascimento, com poderes para resolver qualquer negocio da sociedade.

É uma sociedade util e humanitaria, que creou-se em nosso Estado.

ERA NOVA

Por accumulo de materia deu origem a xou de sahir neste numero varios trabalhos entre os quaes publicamos uma longa noticia sobre a entrada do Campinas no porto de capital.

BRINDES

O nosso distincto amigo E. Gerson, activo e intelligente representante commercial em nossa praça, leve a gentileza de brindar á «*Era Nova*», com lindas lapizeiras — reclames da Companhia «*Sul-Americana*», e da farinha «*Gold Medal*», e com interessantes blócos-folhinhas do novo anno, reclame da «*Companhia Antarctica Paulista*».

O operoso industrial sr. F. Galvão, brindou-nos com um formoso chromo folhinha, e seu afamado preparado «*Cassia Virginia*».

Dos srs. Oliver von Shosten, chefe da importante firma Wharton Pedrosa & C.ª e Athathar de Vasconcellos, gerente da conceituada casa Monteath & C.ª, recebemos, também bonitos blócos-folhinhas do anno novo.

Igual gentileza tiveram os srs. Pereira Almeida & C.ª uma das firmas mais conceituadas do alto commercio da Parahyba.

SOCIEDADE BENEFICENTE ARARUNENSE

Na futura villa de Araruna, acaba de ser fundada uma sociedade beneficente que tem progredido admiravelmente. A sociedade, cujos estatutos são semelhantes aos da Providente, tem o numero de mil e 50 socios e em via de ter uma segunda serie, com igual numero. O socio pagará uma joia de dois mil réis na occasião da inscripção e pagará um mil réis de cada socio que decahir, tendo direito a um

PEROLA EM MONTURO

A família Pedreira, que habita não importa em que arrabalde desta cidade, amanheceu em polvorosa despertando os vizinhos a gritos e vivas e aos guinchos desesperados de um infeliz suino immolado á glotoneria costumeira das vespéras de Natal. Logo que a victima soffreu a depillação no banho de decouada a fever, chegou a preta Maria de turbante á cabeça e de algaridar ao braço.

— Está gordo seu Pedreira?
— Enxuto, sinha Maricas, bem enxuto o porquinho... mas não lhe vendo mais o fato, senão por oito mil réis!

— Que?! seu Pedreira, um porquinho um bacorinho destes... Por mais de quinze patacas é deitar dinheiro fóra.

— Por este preço, prefiro encantar o prejuizo e ficar com o fato; não ganho nem lambiragem; a mais não ser é só a cabeça... sim e ganho os mocotós.

— Mas vossemecê não ajustou?
— Sim mas não posso; o cevado custou-me trinta mil réis e ainda pago o sangue. Se não quer... não é motivo para ficar zangado.

E depois de muito discutirem resolveram o negocio, pagando a sirigueira quinze cruzados e uma tigella de picado.

Pedreira então esquarterou o porco, refilhou-o, vendeu-o aos kilogrammas, reservando a cabeça e umas três costellas para o cardapio do dia seguinte.

Terminado o negocio, serviu-se um almoço e depois a Licinha, muito atisada e cheia de pó pediu dengosamente ao Pedreira:

— Papae, vá comprar-me um par de sapatos!
O Pedreira desabriu-se em furiosa collinaria; — que mal o viam ganhar um vintem e queriam gastar o em pós e requettes.

— Não se zingue, pae, eu tenho o dinheiro.
— Que?! Tu tens o dinheiro? Aonde o foste buscar?

A mulher interveio risonha, conciliadora:
— E, Pedreira; ella tem vinte e cinco mil réis.

Esta menina é muito feliz e arranja umas sympulhuas... Imagina que ella hontem, por brincadeira pediu as festas a seu Simplicio da venda e elle deu-lhe vinte e cinco mil réis.

— Vossemecê vai, pae, comprar?... Eu não vou mesmo porque os meus sapatos estão uma lastima... Eu quero daquelles de correinha abotada na perna...

A matrona, num tom convincente, perguntou ao marido:

— Mas não é mesmo muito feliz esta nossa filha?

O Pedreira filho, typo de malandro, herrou do interior.

— Eu sei como é esta felicidade... O velho revoltou-se com a malicia do filho e, depois de umas expressões asperas, sahio para comprar os sapatos da filha, que muito risonha se alojou á janella, parolando á vizinha fronteira:

— Aonde vai á missa, hoje?
— Nem sei, Licinha, e você?

— Faço lenção de ir á Cathedral.
— Mas aqui ha missa também.

— Sim, mas ás três horas, depois eu não trago isto aqui; eu moro nesta rua por não ter outro geto.

— Também lhe digo o mesmo. Você não foi convidada para a lapinha da Xana? Lá ha dança hoje, é uma animação...

— Qual, bichinha! Não gosto de festas de gente que é pitum só.

— Ao cair da tarde, Licinha estava inquieta e nervosa, porque o pae não voltára ainda e procurou desabafar com a irmã mais nova, a Esti-

zira, que, humilde e silenciosa, se accommodava a um canto, surgindo um par de moias.

— Esta lesma não cessa de suspirar, parece que tem inveja de tudo que é meu.

— E eu estou dizendo nada, Licinha?
— Vai lavar este focinho e pentear o cabelo, porca. Tenho vergonha de dizer que és minha irmã.

E a outra, que no conceito dos vizinhos, é a perla dos Pedreiras, para evitar o máo genio da irmã, abalou para o quintal com a sua costura; as suas maguas e as espiranças de que um dia havia de ser feliz junto áquelle que o seu coração bondoso e ingenuo escolhera para noivo.

Licinha, não podendo conter-se voltara-se a questionar com a genitora, quando o Pedreira Filho entrou todo de branco e um violão sob o braço. Ao vê-lo, exclamou a irmã:

— Mas é o succo! Como arranjaste isto?



CORIOLANO DE MEDEIROS

— Não me deram de festas... trabalhei. Ora trabalhei... Isto sahio do barchão... Não viste papai por ali?

— Ainda estás esperando os sapatos?
— Estou.

— Não te dáma não!... Enquanto elle não beber e jogar o ultimo vintem, não virá em casa.

— Tu és um excommungado disse Licinha, e entrou no quarto.

— Vai, chora e reza por alma dos vinte e cinco mil réis!

Em seguida, accendeu um cigarro, afinou o violão e cantou esganigado:

— Pesadas trevas humidas cahiam.

E parando a cantiga:
— Mas minha gente, hoje nesta casa não se janta não?

A velha respondeu irritada do interior:
— E você trouxe algum jantar para casa?

O malandro, como se nada ouvira, continuou:

— E o castello real silencio estava, E no fundo do circoro gemendo,

Licinha apupou do quarto:
— Que circoro, bruto, é circoro aprende a dizer as coisas.

— Vai te cantar... lambisgoia!
Lambisgoia... lambisgoia... eu não dou resposta a zafoteiros.

— Olha, se queres ver dobrar-te a mão nas ventas, repete...

— Repito já!
— Repete e verás como vou ahí pinlar-te a cara a bofetes.

— Quem? Você...
— Em mesmo.

— Era o que queria ver...
— Pois vds ver.

E durante muito tempo rompeu a musica dos gritos, dos chôros. Praguejava a velha, Licinha descompunha; e o valdivino berrava e a cada desajôro da irmã respondia com um palavrão seguido de uma pancada.

A vizinha da esquerda, sorrindo para uma conhecida, que passava pombeteou:

— O boite hoje começou muito cedo...
No meio da inferneira, entrou o Pedreira salientemente embriagado e com dois abacaxis e um embrulho de dôces.

— Ah cambada, vou ensinal-os a respeitar... minha ausencia; e empunhando o violão, fel-o em estichos na cabeça do filho, que gritou furioso.

— Você paga! você paga o violão alheio!
— Pago... tome lá... por conta... e atiros uma bofetada ao filho, que se desviou, deixando o velho cair de brucos.

— A moça veio levantar o beberão inquirindo:

— Que dê os meus sapatos?
— Teus... sapatos?! Eu vou nisto!

— E o meu dinheiro?
— Teu dinheiro... metude bolei na cobra; se der eu te compro sapatos... vestidos... chapéo e até pago... uma hora de auto. A outra metade... teu pae bebeu minha filha.

— E chamo-a isto um pae...
— E eu te chamo filha... tão boa que até já recibes festas de vinte e cinco mil réis; hein?!

Tu pensas que eu... Mas a culpada é... a alcoviteira de tua mãe... E... Ella, quando moça, era também muito feliz.

Cresceu novamente o barulho.

E enquanto os demais se investiram, a pobre Elzira, tão martyr quanto bella de corpo e alma, chorava a degradação dos seus, distillava em lagrimas as amarguras que se lhe soltavam no intimo e devava o pensamento bludado na fé vibrando para dentro do céu o hymno de sua supplica! Pedra por uma virtude, pedra pela miseria dos seus; epelia pelo noivo ausente a quem jurara entregar perante Deus a sua alma pura innocente e forte, que zombava de todas as delicias astucias do vicio!...

CORIOLANO DE MEDEIROS

PERFUMARIA RENEY

Os estimaveis commerciantes de nossa praça srs. Avelino Cunha & Ca tiveram a gentileza de brindar-nos com amostras dos afamados productos do conceituado Laboratorio Reney, do Rio de Janeiro, do qual são representantes nesta capital.

Agradecemos a offerta dos srs. Avelino Cunha & Ca e ao mesmo tempo recommendamos ás nossas gentis leitoras o uso dos mesmos productos.

APINHA ISPAIADA

HISTÓRIA
AÇUCIDADA



Lá nos fim da Crui das Aima,
Faz iço vinte e três zano)
Inventou Bento Caitano,
Num-a béspra de Natá,
Um-a fonção de lapinha...
E tanto êle infulufu
Qui as môça se riuniu
E se laigaro a dansá...

Piquido êle não tinha
Mas tinha geito p'ra tudo...
no bêxta André Beijudo
lascou logo um fiadão!...
de todas cumiduria
a mesa tava arrumada
e se fazia as jornada
um rebeca e violão...

chega adispois, dérrepente,
eu Distinto frandilêro,
qui sempre foi presepêro,
tu realêjo, a tocá...
o cabôco João Dedão,
ombém cum seu realêjo,
pariceu, nos traquêjo
aquêle dengoso andá...

pastora, se animando,
as cantiga s'isguelava...

tu Carêta sortava
fôgo, cum Zé Parú...
bêbo, lascava os berro
varisto, arriliado:
«Viva o cordão incarnado
môrra o cordão azú!»

Nos cordão, se via um rancho
De mocinha e de minina...
A mestra, a nêga Fostina,
Era horrive como o cão;
A contra-mestra era Ozéba,
Cabôca da cara rasa
Qui cantando inchia a casa
Da catinga do bôcão!

Mas de lóra, do sereno,
Nas pastora dero vaia...
Ahi, grita Artú: «Canai!»
E a lenha vêia roncou...
Arvaristo cái no meio,
Fazendo seus istrupico...
Niço, chega seu Moriço
E o furdunço se dançou!...

Seu Moriço era um sargento
Qui gunvernava as patruias;
Chega catava um-a bœia
Cuma ninguem já catou...
Êle sempre arripitia:
«Tando irado, eu sou medonho!
Nem mermo o prope dmonho
Um preso meu já tumou!»

... E foi mandando os puliça
Baxá o frande, sem conta...
Se um frêguêi virava a ponta
Tava preso pulos cói...
Paça Arvaristo, (dizendo:
«Quem quizé qui ahi se pêrca...»)
Num buraquinho de cêrca
Qui nem se fôce um retrô!

João Dedão, qui tava quente,
C'us óio virado im brasa,
Caçava pru toda a casa
Um buraco p'ra fugi...
Nas minina dava ataque;
Nas muic dava vertige...
E Bento dizia:—«Vrige!
Im qui rôlo eu me miti!»

Priciguido dos sordado,
Distinto laiga o istrumento
Qui de um barrêro lá dento
Foi caí, fazendo:—Fom!...
Pularo os puliça im riba,
(Só gato pegando pinto!.)
Já tava ionge Distinto...
Qui nas canêla era bom!

Um cabôco arruacêro,
Chamado Chêra-defeito,
Levou, todinha, nos peitô
Outra cêrca de côcão...
E o muleque Ogusto Inaço,
Neto da vêia Ramunda,
Roipeu maria-sigunda
Não sintindo os arranhão...

Moriço, imbira Dedão,
Seu Bento, a mestra muléca
E o tocadô de rebeca,
Qui só tinha um mocotó...
Lá se foi, tudo de imbruido,
Da sorte se lastimando,
As festa paçá, chiando,
Nas grade do xilindró...

LUDUGÉRO



DEZEMBRO DE 1922

CARTAS

DE

MULHER

Landriot, no seu bello livro *Pechés de la langue*, diz que é pela lingua, especie de teclado do espirito e do coração, que nós revelamos os nossos mais intimos e variados pensamentos e faremos ouvir esses sons maravilhosamente articulados e tão infinitamente harmoniosos, que nos fazem pensar na origem divina . . . da mulher.

Mas a lingua, que ás vezes, nos eleva e ascende, pela oração, até Deus, degrada-se e se torna vehiculo repulsivo de todas as impurezas do coração e de todo o fétido da alma humana.

As linguas femininas têm a primazia na vehiculação da intriga elegante, subtil, leve e camuflada com requinte por toda mulher.

A lingua humana tem a universalidade do mal: é perversa e viperina. Na exteriorização dos seus conceitos e das suas mais ignóbris paixões, a sua maravilhosa plasticidade adquire todas as variadas e infinitas formas em que pompeia o odio, e a intriga, a insidia e a traição.

Com a lingua dominamos nós pelo mundo e fazemos dos homens e das nossas proprias amigas, aquellas que nos são mais caras pelo espirito e pelo coração, um binco de creança. É um alto delecte para o nosso espirito versátil.

«*Cherchez la femme*», é uma phrase franceza, que bem exprime a nossa actuação nos mil acontecimentos que se desdobram numa hora na vida dos povos e, particularmente, na de cada individuo.

Quem ignora que temos feito sussobrar, num minuto, os systemas politicos e philosophicos dos homens, destruinão as suas formas de governo, excitando despettos, semeando discordias, com o poder magico da nossa intriga!

Penetramos os lares até aos seus mais sagrados recessos. Desmanchamos os casamentos que se nos auspiciam venturosos, com uma dessas douradas cidadãs, de que só nós temos o segredo. Os noivos mol-os com satânica velupia.

Essa tendencia nossa para o mal é uma fatalidade do nosso destino, decorre de uma impulsividade organica ineluctavel.

Na sogra, então, a lingua attinge a sua forma de culminante satanicidade. Com um poder de destruição quasi fulminante, ninguém lhe resiste á sua terrifica e enleante sedução.

É a mesma a atracção do abysmo e a fascinação da serpente!

De uma plasticidade sem equal, ora se distende, horrante e multifórme, como as que se vêem nas festas a Momo, ora se contrae, sob a abobada palatina, com uma apparente e delictosa inoffensibilidade. Mas o bote está armado, na expectativa da primeira victima imbelli.

Póde haver sogras humanizadas pelo soffrimento e pelo amor. Ha-as, eu o sei, pois que ellas são mães. Mas não se as encontram senão na proporção de 1 para 1000.

O inferno está cheio de linguas de mulher, disse-me, ha dias, umbauito e virtuoso sacerdote, meu confessor.

Os chinezes proclamam em um dos seus proverbios millenarios: «a lingua das mulheres é a sua espada, que ellas não a deixam enferrujar».

Entre essa pittoresca gente, a mulher faladora constitue, creio ainda, um dos sete casos que auctorizam a acção do divorcio por parte do homem.

Os allemães dizem, com uma revoltante irreverencia á piedade desse grande e augusto sentimento da morte, «que a uma mulher que morre não se deve esquecer nunca que é preciso matar-lhe a lingua».

As mulheres foram tidas pelos antigos codigos, por muito tempo, como perturbadoras da paz publica, tendo-se adoptado certas penalidades suppliciam-n'as tão barbaramente, que o applaudido auctor de «*Les muelieres pour femmes et autres supplices*», chegou a dizer que, para honra da humanidade, esta se mostra, agora, muito mais condescendente para com os cães do que na antiguidade se mostrara para com as mulheres.

Entre os castigos mais em voga nesses execrandos tempos, em que a mulher tanto soffreu, antes que o christianismo a redimisse da triste condicção a que a reduzira a ignominia de tantos seculos, o mais original era o que consistia em mergulhar a paciente n'agua fria, a fim de se lhe fazer baixar a ardencia do seu temperamento. Para isso, os seus algemes se serviam de um curioso apparelho, a que chamavam «cadeira de mergulhar».

Havia maridos que os tinham em casa e delles se utilizavam quando bem o entendiam. Se aqui houvesse essas cadeiras, muitos dos nossos maridinhos as teriam enfeitadas com um laço de fita, pois que, sobre serem um movel de ornamentação para as nossas piscinas, que as deveria haver em todas as nossas casas de gosto, eram muito uteis entre nós, que tanto falamos mal delles. . .

VIOLÊTA

DEVER DE GRATIDÃO

PEDRO AMÉRICO

Aquella habito antigo, velho culto reverencioso ás minhas crenças, perduradora recommendação do Anjo tutelar que á contemplação me trouxe das maravilhas desta vida e o respeito me infundiu pelas misérias do mundo, levou-me, após sete longas horas de asphixiante trabalho mental, a visitar, naquelle rabro fim de tarde de 2 de novembro, «a nossa ultima morada».

Essa nuvem de poeira, levantada pelos roedores, na sua matoria humilde gente de pé nús, tornava a atmosfera densa e insupportavel. Não haviam irrigado com uma ponta d'agua as ruas arenosas do pequeno cemiterio, curioso no seu aspecto primitivo, numa cidade que, de algum modo, já respira pelos pulmões do progresso.

Chamou-me a attenção a falta alli de um cruzeiro, onde os que têm seus mortos noutras terras accendam uma vela, numa significação mais sagrada de sentida saudade... Como o não houvesse, colloquei o pequeno e tosco ciro numa modesta sepultura, que não recebera os cuidados e o carinho de mão amiga, sabe-se lá porque... A' distancia, olhei a chamma: immovel, extranhamente alongada, parecia querer subir direito ao céu. De certo a alma feliz do ignorado que alli fôra sepulto, alara se definitivamente ao azul do infinito...

Agoirente e irritante, um minuscúlo sino de balde tentava, num badalar de grande sinêra de circo, dar maior austeridade á solennidade do dia. A physionomia do sacristião que da corda se dependurava, tinha o ar de calouro a soffrer passiva e indifferente as provas do «baptismo». Na minha romaria pelo recinto, feriu-me desagradavelmente a sensibilidade o quadro nunca presenciado daquella infinidade de catacumbas sinistramente abertas, como fauces. Não pensara nunca que no Brasil ainda se enterasse gente nas paredes. Mas é que aqui, postergando-se os preceitos de hygiene, respeita-se um contracto mantido com a Santa Casa. Eu não comprehendo a razão por que se não dê á terra o que lhe pertence.

E, a relembrar a suprema verdade do vigilante appello biblico: *memento homo qui pulvis est pulvis vulnerant*, segui na minha peregrinação, detendo-me, afinal, deante de uma especie de pequeno patamar, feito de tijolos ordinarios, já meio gastos pelo tempo. A' minha curiosidade respondeu um amigo commum: — E' o túmulo de Pedro Americo.

sepultura humilde, segundo me de a'heis bocas, num cemiterio simples da sua Parahyba longinqua, tendo por capote o céu azul e indefinido, guarnecendo a cabeça que guarda tantos milhares de estrelas, e por abalho as filias extensas das encostas em lóe, titulado as pedras verde-escuro. (1)

Só o céu infinito... Imma, crinidado desprezoso, injuro desceio por esta s'ntima homenagem que devemos aos grandes vultos

impotentes e impossibilitados de terem os vãos alcorados das almas eleitas, rastejam aqui, entre vivos, numa repugnante obra de vandalismo. Enquanto nós nos esquecíamos de Pedro Americo, o seu estupendo quadro *O Grito de Ypiranga* era inaugurado na Europa em presença de seis soberanos, quinze principes e abalho em poucos dias por mais de cem mil pedras, segundo rezam os chronistas do tempo.

Magnifico, doloroso e aniquillante contraste. Repella-o a terra prodigiosa em que nasceu e acolhe-o de braços abertos, numa significativa consagração ao seu radioso genio, a velha Europa, experimentada pela lição dos seculos.

Agora, tantas décadas passadas, numa transposição da parábola biblica, cogita o governo do Brasil, sempre prodigo em premiar glorias alheias, readquirir a obra de Pedro Americo, esparrama pelo estrangeiro e em mão de patriculaves. Abençoadado seja quem tal idéa teve. E nós os brasileiros desta parte, afinando por esse mesmo gosto patriótico, devemos erguer, na rusticidade humilde daquelle cemiterio um grande monumento sobre a sepultura de Pedro Americo. Não basta o modesto busto de bronze da pequena praça acanhadamente resguardado pelas frangas de algumas arvores dadivosas. O túmulo levantado em memoria do morto é uma sublime expressão de immorredoura saudade, é o marco secular do respeito dos que ficam pelos que se fôram, é um dever de amor e de agradecimento. Vozes não se levantarão contra tal intento, que admittir não se púde que haja alguém capaz de postular nestes tempos de avanço progressista, contra iniciativa de tão elevada nobreza.

Ergamos o túmulo condigno de Pedro Americo, que isto não será sómente o cumprimento de uma obrigação, mas também a pratica ancestral da mais pura, mais suave e divina religião, aquella que nos protege desde o berço e que vela os destinos da nos-a grande Patria, sob a illuminada protecção do Cruzeiro do Sul.

Wanda Novaes

(1) Alvaro Maia.— Conferencia sobre Pedro Americo (1916).

O facto de alguém ter abundancia não prova que trouxer parte de seus haveres ou todos elle dos outros, conquanto isto seja o que muito julgam a verdade. O universo está repleto de toda especie de boas coisas e ha o sufficiente para supprir cada de-ejo de todo coração animado com abundante sobejo. Como cada coração deve proceder para que todo desejo se seja satisfeito, ali é que está o problema.

Ch. D. Larson

A PETIZADA PARAHYBANA



A graciosa petiza GENY BARRETO

que fôram e serão, pelos annos em lóe, os fulgurantes expoentes da intellectualidade da nossa millenaria terra. Porque é ali que devenios em ultima e grande commemoração, em derradeiro preito de amor e reconhecimento pelos luminosos espiritos que nos sublimaram com os fulgores da sua intelligencia, prostar o culto da nossa gratidão, rehabilitar-nos, num movimento espontaneo de collectividade, do abandono que a nossa ignorancia de pygmecus vota áquelles que se elevam acima da chateza mercantilizada da nossa existencia. E ninguém como Pedro Americo foi repudiado pelos brasileiros, criticado severamente pela vulnerabilissima austeridade tantas vezes herdada dos criticos massudos, que, incapazes,

CYCLO ESPIRITUAL

I

*Particula da Luz em tenebras immersa,
o Homem na Vida Humana, entre dôres e prantos,
se esquece que o soffrer, dentro da sorte adversa,
é o resplendente altur onde ha-de erguer seu canto.*

*Dentro da Dôr blasphema e depois triste e mudo,
se pôe a percorrer asperrimos caminhos,
completamente só, sem armas sem escudo,
erradillo, rasgando os pés pelos espinhos.*

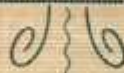
*Certo dia, porém, ergue a pallida fronte
de onde gottêja o suor sangrento da desdita
e vê boiar no fim do longinquo horizonte
qualquer coisa clareando a abóbada infinita.*

*E essa luz é uma força em vibrações estranhas
que o impelle para a frente e o seu pas-o accelera...
E elle transpõe num vôo campinas e montanhas
como a andorinha que procura a primavera.*

*Mas adeante desconça á margem de uma estrada
onde ha luz e perfume, aves, ninhos e flôres:
estu a estrada do Ideal immensa, illuminada
onde passam cantando os sonhos multicores.*

*Depois também cantando os hymnos da Esperança,
—chamma divina que o encoraja e revigora—
elle sonha e vislumbra a Bemaventurança
nos unseios do mar e nas côres da aurora.*

*E na ansia de alcançar uma gloria suprema,
elle mesmo revolve as chagas de seu peito
e faz do saffrimento o seu excelsio poema
com a divina ambição de um dia ser perfeito.*



*E agora o Homem comprehende a dôr suprema e augusta
que dantes se tornára atroz, incomprehendida...
Era o cadinho de onde uma crença robusta
havia de arrancar os extases da vida.*

II

*Homem, medita e vê! Dentro da treva densa
em que a materia vive, o espirito, a cantar,
encontra a Via Lactea onde a Dôr se condensa
para depois, vibrando, em astros se tornar.*

*Procura, sonda, escuta, e verás que a Tristeza
não é mais que o repouso, o somno do Prazer.
Vivem dentro de ti a Harmonia e a Belleza
de lagrimas formando o que mais queres ter.*

*Precisas comprehender a verdade da Vida:
olha, uma flôr que murcha é um fructo que ha de vir;
a noite vence o dia e depois é vencida
e a lagrima de agora é o riso do porvir.*

*Dentro da Dôr é que se ergue o templo sagrado,
o aureo templo da Fé e da Resignação
de onde algum dia, enfim, has-de, transfigurado,
subir para o Thabôr da purificação.*

PERYLLO D'OLIVEIRA

COLLEGIO DE N. S. DAS NEVES

AS FESTAS ANNUAES DE ENCERRAMENTO DE SUAS AULAS

Todos os annos, o Collegio de N. S. das Neves commemora o fechamento das aulas dos seus diversos cursos com solennes e imponentes festas, que a uito recommendam pelo brilhantismo alcançado a directoria desse conceituado educandario.

Este anno, essas tradicionaes festividades excederam em tudo as anteriores, pela fulguração a que atingiram e impecavel interpretação, dada ao programma pelas alumnas do referido estabelecimento de instrucção.

No dia 20 de novembro transacto, verificou-se no Collegio das Neves a magestosa cerimonia do encerramento do anno lectivo de 1922; sendo, por este motivo, executado irreprehenivelmente um optimo programma de festas.

As directoras do importante estabelecimento de ensino primario e secundario, que é sem contestação, o melhor da Parahyba, de ha muito vinham dispendendo grande somma de energias, a fim de que as alludidas festividades as-

sumissem o caracter deslumbrante a que chegaram.

Dentre os numeros das solennidades do Collegio das Neves destacam-se o drama *Independencia ou morte*, cuja interpretação foi confiada a intelligentes e graciosas senhorinhas, que salientaram todos os seus papeis com requintado esmero, carinho, e, acima de tudo, muito geito e desenvoltura; o monologo *O microbio* e outras interessantes partes do programma.

Todas as senhorinhas que tomaram parte nessa esplendida festividade sahiram-se galhardamente, merecendo, dest'arte, ruidosos applausos da numerosa assistencia, constituída do que de mais distincto e selecto possui a sociedade parahybana.

Pela alumna Petronila Borja, que alcançou, pela sua intelligencia e grande applicação, as melhores notas, foi lida n'a bella saudação aos exmos. srs. dr. Presidente do Estado e revuo.

Arcebispo Metropolitano, na qual salientava os multiptos beneficios prestados ao Collegio das Neves por aquelles egregios conterraneos.

Após a leitura de sua brilhante oração, *mlle.* Petronila Borja, em nome da directoria do Collegio, mimoseou o representante do chefe do govêno estadual com um ramalhete de flôres naturaes.

Fazia muito tempo que a nossa terra não assistia cerimonias tão encantadoras como as que nos quizeram proporcionar as benemeritas directoras do Collegio das Neves. O encerramento das aulas desse acatado educandario, da maneira por que se realizou, concorreu assásmente para o soerguimento cada vez maior dos seus creditos de exemplar centro de propagação de saber civico, moral e intellectual.

Para assistirmos áquellas atrahentes festas, a directoria do Collegio das Neves teve a nima gentileza de endereçar-nos um convite attencioso, a qual delicadeza retribuimos, comparecendo ás mesmas solennidades.

CONTO DA QUINZENA

Sonho duma noite de São João

(DE SHAKESPEARE)

Havia em Athenas uma lei que dava aos cidadãos a faculdade de obrigarem as suas filhas a casar com quem elles muito bem quizessem; pois se uma filha recusasse casar com o homem por seu pae escolhido para seu marido, o pae era autorizado por esta lei a mandar matá-la; mas como não é vulgar desejarem os paes a morte de suas filhas, mesmo quando ellas se mostram um tanto refractárias á sua vontade, esta lei raras vezes ou nunca teve cumprimento, embora talvez as meninas daquella cidade fôsem não poucas vezes ameaçadas por seus paes com os terrores della.

Houve, porém, um exemplo dum velho, chamado Egeu, que viu á presença de Teseu (nessa occasião Duque de Athenas) quizer-se de que sua filha Hermia, a quem elle impuzera casamento com Demetrio, rapaz de uma nobre familia atheniense, recusava obedecer-lhe, porque amava outro joven atheniense de nome Lisandro.

Hermia allegava em justificação da sua desobediência que Demetrio havia anteriormente declarado amor á sua querida amiga Helena, e que Helena amava apaixonadamente Demetrio; mas esta respeitavel razão que Hermia deu para não obedecer á vontade de seu pae não demoveu o severo Egeu.

Teseu apesar de ser um grande e bondoso principe, não tinha a faculdade de alterar as leis do seu país; portanto apenas pôde conceder a Hermia quatro dias para reflectir no caso; expirado este prazo, se ella persistisse em recusar casar com Demetrio, seria então condemnada á morte.

Quando Hermia se retirou da presença do duque, foi ter com o seu namorado, Lisandro, e disse-lhe o perigo em que estava, e que, ou havia de abandoná-lo e casar com Demetrio, ou perder a vida dahi á quatro dias.

Lisandro ficou muito confregido ao ouvir esta má nova; mas, lembrando-se de que tinha uma tia que habitava a alguma distancia de Athenas, e de que no logar onde elle vivia não podia a lei ser applicada contra Hermia (pois que esta lei não vigorava para além dos limites da cidade) propôz a Hermia fugir nessa mesma noite de casa de seu pae, e ir com elle para casa de sua tia, onde casariam.

— Irei encontrar-me contigo disse Lisandro, num bosque a algumas milhas distante da cidade; naquelle delirioso bosque onde tantas vezes passámos com Helena, no aprasivel mez de maio.

Hermia annuiu jubilosamente a esta proposta; e a ninguém, a não ser á sua amiga Helena, falou da sua combinada fuga.

(pois o amor leva os rapazes e todas as louraras) muito naturalmente resolveu ir encontrar isto a Demetrio, embora nenhum parente pudesse esperar do facto de trazer a segredo da sua amiga, e não ser o pae capaz de seguir o seu infiel nomeado até o bosque, pois ella bem sabia que Demetrio lá era no encargo de Hermia.

O bosque em que Lisandro e Hermia combinaram encontrar-se era a não poucos dias pequenos entre as montanhas pelo nome de Tetas.



O estimado ancão ACTUADO DA COSTA FIALHO, competente medico homeopata

Oberon, rei, e Titânia, rainha das fadas, com todo o seu ministério de fadas, celebravam neste bosque as suas orgias de má-cultra.

Entre o rei e a rainha das fadas occorreu por esta occasião um pequeno desagradado: nunca se encontravam ao luar sem dizeis ambrosias deste lindo bosque que se não desmansem, a ponto de todos os seus espirituinhos se esconderem de medo nas orelhas das bolotas.

A causa desta desagradada desavença era Titânia recusar-se a dar a Oberon um rapaziço, cuja mãe fôra amiga de Titânia: á sua morte a rainha das fadas resolveu e creança á ama e levou-a para os bosques onde a criou.

Na noite em que neste bosque se deviam encontrar os dois namorados, andando Titânia a passear com algumas donzellas de honra, encontrou Oberon acompanhado do seu feitiço

— Má encontro ao luar, orgulhosa Titânia, disse o rei.

— O que! ciumento Oberon, respondeu a rainha. É lá? Fadas, embora; renunciei á companhia delle!

— Espera, precipitada! disse Oberon. Não sou eu o teu senhor? Porque contraria Titânia o seu Oberon? Dá-me o teu rapaziço, para eu delle fazer o que pagem.

— Desatento, respondeu a rainha. Nem com todo o teu reino me compras tu o pequeno. E foi-se embora, deixando Oberon doido de raiva.

— Bom, ainda lá disse elle antes do amanhecer hei de me vingar dessa affronta.

Oberon mandou então chamar Puck, seu predilecto amigo e conselheiro privado.

Puck era um arteiro e velhoço diabrete, que costumava pregar comicos partidax nos aldeias vizinhas — ás vezes introduzia-se nas vacarias e desmontava o leite, outras vezes mergulhava o seu lenç e certo corpo na desnudeira e enquanto elle dançava lá dentro, em vão a mulherada se esforçava por transformar a nata em manteiga; e nem as aldoões eram melhor succedidas; todas as vezes que Puck deidia fazer as suas proezas no vaso de cobre em que se faz a cerveja, era certo ficar esta estragada.

Quando alguns bons vizinhos se encontravam, para beber juntos cerveja, Puck dum pulo saltava para dentro da caneca, transformando em corangojeira, e quando alguma velhota ia a beber agarrava-se-lhe aos lábios e espalhava-lhe a cerveja pelo quisto macho; e logo depois, quando a mesma velhota estava gravemente sentada a sentar aos seus vizinhos uma historia triste e melancolica, Puck puxava-lhe pelo banguinho em que ella estava sentada e atirava com a pobre velha de pernas para o ar, no meio das grandes gargalhadas dos presentes que juravam nunca haverem passado uma hora tão divertida.

— Ven cá Puck disse Oberon a este folgazão nocturno. Vai-me buscar a fide que as raparigas chamam «Amor perfeito»; o succo dessa florinha deitado nas palpebras dos que dormem já os vê, ao acordar, ficar apaixonados pela primeira creatura que virem.

Quero deitar um pouco desse succo nas palpebras da minha Titânia, quando ella estiver a dormir, e ella há de ficar enamorada da primeira creatura que vir ao abrir os olhos ainda que seja um leão, um urso ou um macaco; e antes de tirar este encantamento de sua vista, o que eu posso obter com outro que eu conheço, hei de fazel-a dar-me aquelle rapax, que eu desejo para meu pagem.

UM OPERARIO MERITORIO

Estampamos o retrato do oprimido presidente da Sociedade Mechanica, sr. Francisco Placido de Assis, a quem esse gremio operario deve o seu actual prestígio e conceito que destructa na sociedade civil e politica da Parahyba.

Diversas iniciativas desse dedicado proletario definiram o seu senso societario e a sua vontade de ser util á agremiação que o vem elegendo em cinco exercicios consecutivos para seu presidente e ao operariado em geral na eliminação de elementos extranhos á classe e de conducta desabonadora; a grande companhia desenrolada contra a influencia hespanhola, em que tomou parte saliente o sr. Francisco de Assis; a construção da Escola de Artes, tendo contado para realização deste idéal com o forte concurso dos srs. dr. Pedro Ulysses e Julio Martins, inaugurado solenemente no dia 7 de setembro e destinada a dar uma educação profissional aos filhos dos socios; a criação de uma escola nocturna em Cruz das Armas, a de maior frequencia na capital, fornecendo aos alumnos todo material necessario e a do Centro Politico Operario, do qual fazem parte homens providos de titulos elevados e tem como presidente o sr. Pedro Ulysses de Car-

valho, dedicado amigo da classe, que tudo tem feito nesta terra pelo engrandecimento do operariado.



E', como se vé, um homem trabalhador, alma duravel e capaz de lhe dar renome no conceito das futuras gerações operarias da Parahyba.

achou altamente divertida a idéa de se casar, e correu a buscar a flôr; e enquanto Oberon esperava o regresso de Puck viu Demetrio e Helena entrarem no bosque; ouvia Demetrio censurar Helena por o seguir, e, após muitas palavras ásperas da parte delle e gentis exprobações da parte de Helena, recordando-lhe o seu antigo amor e declarações de fidelidade, elle deixou-a (como elle disse) á mercê das feras, e ella correu atrás delle a mais depressa que pode.

O rei que era sempre amavel para com os sinceros amantes sentiu grande dô por Helena, e talvez que como Lisandro dizia que elles costumavam passear ao luar neste lindo bosque, Oberon tivesse visto Helena nesses dias felizes em que ella era amada por Demetrio. Como quer que seja, quando Puck voltou com a florinha cor-de-purpura, Oberon disse ao seu diabrete predilecto:

— Toma um bocadinho desta flôr: há aqui uma linda atheniense apaixonada por um joven desdenhoso; se tu o encontrares a dormir, deita-lhe nos olhos umas gottas do succo desta flôr, mas repara bem, faze-o quando ella estiver perto delle para que seja a dama desdenhada a primeira creatura que elle veja ao acordar. Conhecerás o homem pelo traje atheniense que usa. Puck prometeu cumprir estas ordens com o maior cuidado, e Oberon dirigiu-se, sem Titânia dar fé, para um lindo recanto do bosque,

todo enfeitado de perfumadas flôres, onde ella se estava preparando para se deitar. Era ali que Titânia dormia sempre uma parte da noite; o seu cobertor era uma pelle de cobra, que, conquanto pequena, chegava bem para envolver uma fada.

Encontrou Titânia dando ordens ás suas fadas sobre o que deviam fazer, enquanto ella dormia.

— Uma de vós, dizia Sua Magestade, tem de molhar os bichos dos botões de rosas, outras têm de caçar morecos para lhes tirar as asas membranosas, que servirão para vestir os meus pequenos duendes, e outras vigiarão por que o clamor mocho, que de noite pin, se não approxime de mim; mas primeira cantae para me adormecer.

Quando as fadas viram que a sua canção adormecera a rainha, deixaram-na, a fim de cumprir as ordens que della haviam recebido. Oberon então abeirou-se de Titânia e lustrou-lhe umas gottas do succo amoroso nas pálpebras, dizendo:

O que primeiro vir's ao acordar
Assim te obrigo a vida inteira a amar

Mas, voltando a Hermia, que fugira essa noite da casa de seu pae, para evitar a morte, a que fôra condemnada, por se recusar a casar com Demetrio. Ao entrar no bosque, encontrou o seu querido Lisandro á sua espera, a fim de a levar á casa de sua tia; mas antes de chegarem ao meio do caminho Hermia estava tão



FELICIDADE

Felicidade é chimera;
E' bem que nunca se alcança;
Sonho falaz de esperança
Que a alma utopista venera...

Do anseio vão não descança
Quem gosar a um dia espera...
E a almejada primavera
Jamais transpõe a tardança!

Felicidade é miragem
Que ao fatigado viajante
Da vida — immenso deserto —

Deslumbra, sempre distante...
Quem lhe presente a passagem?
Quem pôde vê-la de perto?

Parahyba 1922

M. NACRE

cansada, que Lisandro, que muito carinho dispensava á sua amada, que provara a sua afecção por elle arriscando a vida por seu amor, convenceu-a a repousar até de manhã num macio reboado. Deitando-se então no chão a alguma distancia um do outro, logo adormeceram profundamente. Foram assim encontrados por Puck, que, vendo um mancho a dormir e vendo que o seu traje era á moda atheniense, concluiu que tinha alli á mão a menina atheniense e o seu desdenhoso namorado, que Oberon lhe mandara procurar; e naturalmente conjecturou que, como estavam sózinhos, ella devia ser a primeira creatura que elle veria ao acordar; assim, sem mais trabalho, adoeitou-se para derramar o succo da pequenina flôr nos olhos delle. Mas aconteceu passar por alli Helena, e, em lugar de Hermia, foi ella a primeira creatura que Lisandro viu ao abrir os olhos; e, coisa estranha, tão poderoso era o encantamento, que todo o seu amor por Hermia se desvaneceu e Lisandro enamorou-se de Helena.

Se elle tivesse visto Hermia ao despertar, o equívoco de Puck ficaria sem consequencias, pois aquella fiel rapariga era merecedora de todo o seu amor; mas era uma bem triste coisa para Lisandro ser forçado por um encantamento de amor a esquecer a sua leal Hermia e correr após outra, deixando a sua Hermia sózinha a dormir num bosque á meia noite.

Fis como succedeu este infortunio: Helena, como antes se contou, tentou correr no encalço de Demetrio, quando este tão tuacamente se a-

EM BANANEIRAS

ASPECTOS DAS FESTAS REALIZADAS NA INAUGURAÇÃO DO RAMAL FERREO ATÉ A ESTAÇÃO DO TUNEL

1. Chegada do comboio na parada de Manitu.

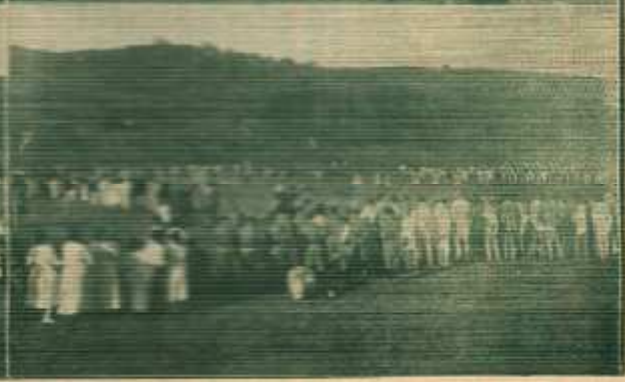
2. O secretario de Estado e sua comitiva de volta da visita ao Patronato Agrícola «Vidal de Negreiros».

3. Praça Epitacio Pessoa.

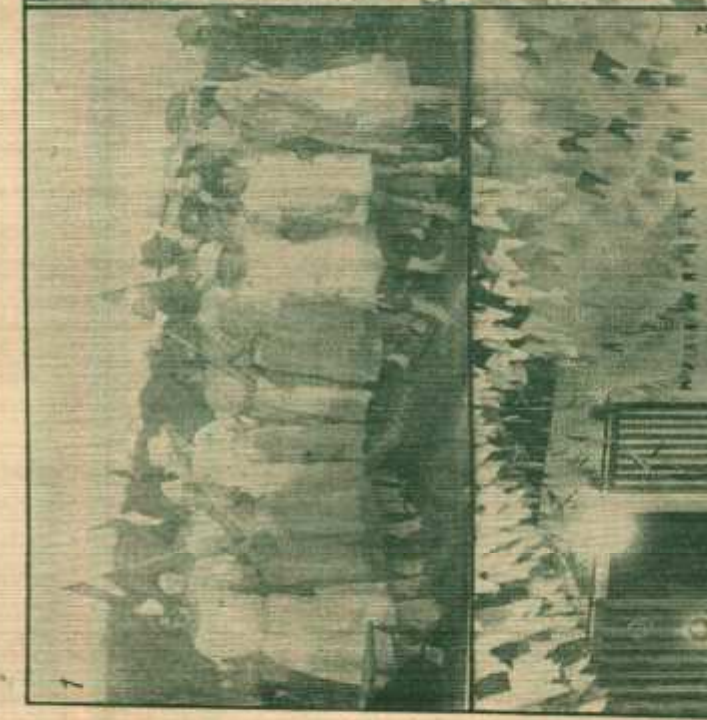
4. Chegada do comboio a Borborema.

5. Na Estação provisoria do Tunnel. Acto da inauguração do trecho.

6 e 7. Encontro do «Bananeiras Foot-Ball Club» com o «Borborema Sport Club».



EM BANANEIRAS — Outros aspectos das grandes festas



- 1 — Grupo de torcedoras do «Borbo-
rema Sport Club.»
- 2 — Sessão cívica presidida pelo sr. Se-
cretario geral do Estado. Apposição dos re-
tratos dos drs. Epitacio Pessoa e Solon de
Lucena.
- 3 — Jantar offeredo aos sportmen do
«Borborema Sport Club» pelo «Bananeiras Foot-
Baal Club.»
- 4 — Suas excias. os srs. Secretario de
Estado e Prefeito da Capital, acompanhados
de senhoras Alvaro de Carvalho e Leopoldo
Bezerra.

A PRECE DE ANNO BOM

LYLIA GUEDES

Na areia branca daquela encantadora praia, inspirada pela imensa poesia do sol-posto, se expandia, a distillar futilidades, a alma prazenteira das gentis veranistas.

Era vespera de Anno Bom.

A temporada festiva trouxera para alli, havia já quasi um mez, grande parte da população aristocratica da cidade vizinha.

Entre as garrulas moçoilas que faziam o encanto daquelle retiro, destacava-se uma, pela singularidade de ostentar a mais cabal indiferença na manifestação de seus sentimentos affectivos . . .

Chamava-se Maria. Era uma graciosa morena, muito viva e muito affavel. Com certo desembaraço tomava a frente de todas as brincadeiras, mas pautava sempre todos os seus actos de modo a não deixar transparecer a mais leve preferencia . . . Isso dava o que pensar ás suas irrequietas companheiras, que affirmavam haver ali algum mysterio.

— Tens, com certeza, um serio compromisso, pois não és melhor do que todas nós e nem nasceste para santa, repetia-lhe pela millesima vez a Lucia, a mais intima de suas amigas.

Debalde, porém, tentavam todas desvendar o arcano daquelle coração. Maria persistia invulneravel no seu segredo. Tivera, desde o ratar da adolescencia, a exquiritice de esperar que, por um encontro feliz, os céos lhe mandariam «o seu noivo», e assim naquelle coração nunca vicejara, por um instante sequer, o germen de outro amor, pois cuidadosamente ella o guardava, como um avarento um thesouro, para o entregar, virgem de affectos, ao alto cherubim dos seus pronubos sonhos . . .

Na tarde daquelle vespera de anno tivera uma inspiração. Iria rogar de joelhos, naquelle immenso templo que era a natureza, ao Jesus menino, pela realização de seu ideal. Convidou, então, todas as suas companheiras para que cada uma, á hora exacta da passagem do anno, pedisse aquillo que mais almejasse, em fervorosa prece. E assim todas o fizeram, genuflexas. Nenhuma, certo, foi mais reverente do que Maria. Ao levantar-se, levava a plena convicção de que seria attendida naquelle mesmo anno.

. . .

Escoa-se o mês de dezembro.

Chegara novamente a vespera de anno.

Maria não fôra dessa vez passar a festa na praia. Estava palestrando em casa de uma de suas amigas, quando deparou com o numero de Natal de uma revista de littera. Politicando-o

inconscientemente, deu com a vista no um retrato que lhe despertou um atropello. E a certeza plena de que aquella era o novo que os céos lhe destinavam aquelles se de seu espirito com a rapidez de um relampago. Depois de fitá-lo por alguns instantes, quasi a

francez, neurasthenico, mas indulgente como quasi todos os velhos professores.

Apesar da indiferença que lhe inspirava Augusto, tornara-se elle o mais intimo, ou, direi melhor, o seu unico amigo, pois o caracter de um retrahimento invencivel e de abso-

NATAL

Natal. Missa do Gallo. O sapatinho
Dos minusculos pés atrás da porta,
Consoada sã, que só de olhar conforta:
Castanhas, nozes, avelães e vinho.

Povo passando garrulo, a caminho
Da igreja, á voz do sino, que o transporta.
Esque-se a vida, ha tanto meio morta,
Nos lares aquecidos como um ninho.

Volta Jesus, infante, á mangedoura,
Entre Maria e S. José, na calma
Que, do alto, a estrella dos Reis Magos doura.

Nos altares seremos quanta palma!
E quanta flôr sorrindo na lavoura
Aos nossos sonhos — lavradores da alma!

LUIZ CARLOS

sonhar, foi que se lembrou de procurar saber quem era. E qual não foi o seu espanto ao ler, em letra meêda: — Augusto de Lima — um nome tão seu conhecido!

Como um batel que bate de encontro a um iceberg, sentira Maria que a imagem de seu ideal se ia despedaçar ao choque improvisto daquelle desillusão tremenda. Por um momento ficara petrificada, mas immediatamente, como se uma luz lhe aclarasse a razão, comprehendeu que o ideal não se despedaçara . . .

Era e devia ser aquelle mesmo — o alto cherubim de seus pronubos sonhos . . .

Uma voz intima — a voz do destino — lhe affirmava que chegara o momento da realização de sua prece de anno bom.

As idéas baralhadas não lhe permitiam pensar bem perante aquellas amigas, que não podiam comprehender o que nella se passava. Disfarçando habilmente a perturbação em que ficara, despediu-se e foi buscar no recolhimento do leito um pouco de reflexão. Na penumbra e no recolhimento — dous bons conselheiros de quem soffre e de quem ama — pôde recompor em sua mente uma serie de insignificantes acontecimentos e subtis coincidencias. Seu pensamento voltou-se para Augusto, o amigo indifferente da sua adolescencia.

Conhecera-o na classe do *hom professo* de

lata abstenção de affectos para com a outra metade da humanidade, não lhe permittia, com seus collegas, ir adiante de um *bom dia* ou de alguma ligeira palestra em raras occasiões. A amizade de Augusto mesmo não lograva grandes triumphos. Não fôra além de uma sincera expansão de idéas indifferentes quando porventura se encontravam. Sempre que Augusto ia á cidade, visitava Maria, que o recebia com visível satisfação.

Agora, porém, começava Maria a ver o que até então nunca percebera, e que desperlaria suspiras nas suas amiguinhas de collegio, mais experimentadas e perspicazes em questões de tal natureza. Passavam então em revista pela sua alma, filmadas por um surto retrospectivo da imaginação vibrante, pormenores peigados sem importancia e que tomavam grandes proporções.

Essas meditações prolongadas lhe affirmavam agora que Augusto, a despeito de grande retrahimento e timidez, lhe dera mostras de algum affecto . . .

Seu primeiro cuidado foi mandar á agencia de jornaes comprar aquelle numero da revista. Cortou então o retrato e o guardou cuidadosamente.

O desinteresse que mostrava a moça por



...era um moço esperançoso, de modos
heirescos, cultura intellectual acima de
ocre e conducta irreprehensivel. Em

...proferisse uma só palavra.
Voltando a moça sem ter encontrado outra
revista, quiz ella mesma folhear a que trou-



ERA NOVA

O maior prazer que sentia agora era ficar horas e horas a pensar, e por isso recolhia-se ao leito o mais cedo que podia.

Aquella alma crente e sincera tivera a convicção inabalavel da realização de sua prece,

SOCIEDADE PARAHYBANA



Senhorita DONATILLA CUNHA

mas o rumo que tinha tomado o seu sonho a desnor-teara. Não era que se entristecesse com a lembrança de que era Augusto o joven p-linuro a quem os fados entregavam o batel de sua felicidade. Não; sentia mesmo grande satisfação nisso, pois o conhecia bastante e não achava nelie uma só qualidade desagradavel. Augusto era um moço esperançoso, de modos cavalheirescos, cultura intellectual acima de mediocre e conducta irreprehensivel. Em summa, um homem de caracter e era isto para Maria o que se devia exigir de um noivo. O physico também não lhe era desagradavel, mas o que tanto e tão profundamente abalou-lhe o espirito foi o imprevisito do acontecimento, o inesperado daquella situação, que nem ao menos lhe permittia o desabafo consolador de uma *confusão desagradavel*, *sentimentes*, era em extremo *retrehida*. Pela razão de não ter segredos, não se acostumara a contal-os e agora que tinha não se atrevia a external-o, mesmo porque amiga nenhuma lhe merecia plena confiança.

E o caso era tão original que, ella estava

bem certa, serviria de troça para todas que o ouvissem.

Passaram-se alguns mezes e um bello dia chegou Augusto. Como de costume, foi visit-a. Foi preciso revestir-se de todas as suas energias, para que podesse apparentar serenidade. Ia a palestra em meio, quando Augusto perguntou-lhe se tinha visto o seu retrato na «Alvorada». Maria sentia-se caminhando por cima de um grande abysmo, com a preocupação unica de não se precipitar. Temia falar e apenas a muito custo ponde articular: — Vi... e achei... um pouco... diferente... O olhar de Augusto, ao mesmo tempo admirado e interrogativo, a impediu de continuar e para salvar-se fingiu que tossia. Pediu agua e tentou levar a conversação para outro assumpto. Mas aquella scena despertara também a curiosidade de Lucia que ali se achava e que, guiada por uma instinctiva perspicacia, foi procurar na estante da moça aquella revista. Ignorando o motivo da retirada da amiga, foi sómente quando esta entrou com o *corpo de delicto*, que por pouco não teve um desmaio. Com grande esforço ponde ainda balbuciar: — Não é neste numero. Mas dessa vez Augusto desconfiou por ter conhecido pela capa, que era aquella mesmo o numero em questão. Tomando-o folheou-o rapidamente, encontrando a pagina... cortada. Compreendendo immediatamente, como se um relampago atravessasse o seu espirito, disse, procurando o mais possivel não se perturbar: — Não é neste numero, é no anterior. Lucia entra em procura de outro; e então Augusto aproveita essa retirada providencial para arrancar a pagina cortada e põ-la no bolso. Esta scena se passara com certa rapidez, sem que nenhum dos dois proferisse uma só palavra.

Voltando a moça sem ter encontrado outra revista, quiz ella mesma folhear a que trouxera, onde nenhum vestigio encontrou da pagina estrangulada graças á falta de paginação.

Estava revelado o segredo de Maria, do modo mais original que se pôde imaginar, e sem que nenhum intruso entrasse no conhecimento delle. O momento era de embarço para ambos e a presença de Lucia uma felicidade e uma *humilhação*. Augusto, um moço difficultava-lhe os meios.

Desde que conhecera Maria, admirava-lhe as qualidades moraes e principalmente a invulnerabilidade de seu coração.

O que sentia por ella nem a si proprio sabia confessar o que era.

Temia mesmo demonstrar qualun-

rencia que fosse melindrar a moça, dando em resultado perder aquella amizade quasi fraternal, que lhe era tão cara.

Surprehender, pois, aquella segredo fôra para elle o ralar de uma aurora de esperança.

Chegara novamente a temporada festiva.

A praia regorgitava de veranistas. Uma alegria immensa transparecia no semblante de todos. Maria lá estava também com sua familia e agora tinha sómente uma preocupação: fingir-se alegre e descuidosa. Todos, porém, notavam o retralimento que, máo grado seu, mostrava, em contraste com a franca expansão que lhe era dantes habitual.

Discutiam-se mil projectos para aquelles dias de festa. Fazia parte do programma uma *surpresa*, que as moças preparavam no mais rigoroso sigillo, a despeito da proverbial tagarellice feminina, para a passagem do anno.

Um pinturesco pavilhão a beira-mar fôra construido e a festa da *surpresa*, seria também a de sua inauguração. Chegara finalmente a vespera do anno.

Continuavam os preparativos em grande azáfama. Cortavam e pregavam em longos cordões bandeirolas multi-côres, faziam festões, beijos e abraços de papel, colhiam flores syl-

PARAHYBA COMMERCIAL



CARLOS GUIMARÃES, da firma Guimarães Irmão.

vestros, agaloavam com palmas e ramos verdes as portas do pavilhão. Pela cozinha não era menor o alvoroço, na confecção de bolos, doces, cremes e toda sorte de guloseimas.

servir os nobres. O que a mãe
 Ao contar Maria um tempo de boas noites
 De entre os dadas uma aliança não mister
 seguramente nos braços do pai. Uma salva

presa das promotoras da curiosa e original
 íde... Mas quando Lucia viu como os acontecimentos se precipitavam, pretextando servir os nobres, levou-lhes propositadamente, os peda-

ERA NOVA

que para, lá de lá, sobre a mesa, e do resto
 que os acontecimentos tinham tomado. Per-
 dera a jovialidade e já agora lhe era possível
 brincar.

Debalde aguardara, depois daquela revelação inesperada, a declaração de Augusto. E a única explicação plausível em tal situação era não ser correspondido o seu affecto. Procurava enxotar da mente essas conjecturas, mas todas as tentativas eram em vão. A dôr immensa de tamanha desillusão acabrunhava-lhe a alma e num supremo esforço fingia tranquillidade. Sentia desejos de fugir dali. Que interesse lhe poderia despertar tudo aquillo? Elle não estava presente, e, na incerteza em que vivia, nem sequer lhe era dado desejar vê-lo. Parecia-lhe tudo acabado.

A' hora marcada — meia noite — depois do regosijo costumeiro e dos tradicionais votos de felicidades pela passagem do anno, iniciou-se a festa pelos preparativos da ceia, onde appareceria a "surpresa". Para a mesa artisticamente ornamentada, de accordo com a natureza da festa e do local, cada uma das moças e senhoras ia levando um cavalheiro. Maria tivera a precaução de organizar a lista, de modo que houvesse um cavalheiro de menos e ia indicando a cada uma o seu par, esperando ficar para o fim. Foi pois com absoluta firmeza que ao chegar a sua vez, disse: «Os cavalheiros já estão todos á mesa e quero ter o prazer de servir esta ceia». Mas Lucia apontou-lhe um que, lá no pateo, ainda aguardava quem o fosse buscar. Foi, pois, sem ligar a menor importancia que ella pediu o braço de Augusto — porque era elle — e se dirigiu ao pavilhão, pensando, que fosse quem fosse o seu par, lhe era de todo indifferente.

Dispozem-se a mesa em fôrma de H, occupando um lado os casados e o outro os solteiros.

Augusto, antes mesmo que sua companheira o tivesse reconhecido, tomou a palavra. «Senhores: sabendo que se preparava hoje aqui uma surpresa, vim ler o prazer de assistir a e também de proporcionar-vos outra». E dirigindo-se aos pais de Maria, disse-lhes em voz baixa: «Tenho auctorização de vossa filha para pedir-vos a sua mão. Terei o immenso prazer de me ser concedida?». O pae, perplexo, olhou para a esposa. Esta, depois de reflectir um pouco, estendeu a mão a Augusto, que a beijou commovido. Depois de beijar também a mão tremula do futuro sogro, voltou á mesa, onde communicou a todos os presentes os seus esponsaes. A assistencia o ouviu muda de admiração. O imprevisto dos acontecimentos roubara toda a expansão dos convivas. Maria não podia articular uma palavra e tinha a impressão vivíssima de que estava a sonhar. Lucia

que já estava servido á mesa, que elle mesmo servir os nobres. O que a mãe

Ao contar Maria um tempo de boas noites
 De entre os dadas uma aliança não mister
 seguramente nos braços do pai. Uma salva
 de palmas começada pelas senhoras e acompanhada pelos homens acabou o acontecimento. Mas, no mesmo instante, apparecia outra aliança no peito de Augusto. Nova salva de palmas.

A surpresa daquela noite, tão ansiosamente esperada, consistia na opposição das alianças. O bolo, que continha a menor seria distribuido ás moças, o outro, aos rapazes. Quaes

seriam os escolhidos da sorte devia ser a surpresa das promotoras da curiosa e original íde... Mas quando Lucia viu como os acontecimentos se precipitavam, pretextando servir os nobres, levou-lhes propositadamente, os pedaços de bolo escolhidos de antemão.

Finalmente, a surpresa das moças tornou-se apenas um simples episodio complementar da verdadeira "surpresa".

Bem disse eu que era alguém que ainda vinha para nossa festa, cavaqueou uma das moças, quando passou aquelle automovel pela beira da praia!

E' verdade! exclamaram todas

EM BANANEIRAS



Conforme promettemos, em edição anterior desta revista, estampamos nossas paginas do numero de hoje varios aspectos das festas realizadas em Bananeiras, por occasião da inauguração do trecho da estrada de ferro em construção até á parada do Tunnel. As mesmas se effectuaram no dia 29 de outubro, em homenagem ao 2º anniversario do governo Salles de Lucena, sendo um de seus promotores principaes o engenheiro Marques de Azevêdo, chefe da Commissão das Obras Contra as Secas naquella florescente cidade serrana, em cujo cargo vem se revelando um funcionario modelar e com notoria capacidade de trabalho e eficiente intelligencia.

O dr. Marques de Azevêdo, que é presidente do «Bananeiras Sport Club», deu grande imponencia ás magnificas festas sportivas realizadas, constituindo mesmo ellas um dos melhores numeros do programma organizado para a commemoração daquella grata epemeride.

«Era Nova» o faz prazerosamente, cedendo ao natural dever de justiça para com os que se interessam pelo progresso do nosso Estado.

C TATU-BÓLA Na especie dos mamíferos e no genero dos desdentados, o tatu-bóla é o mais interessante de quantos, até hoje, possível me têm sido apreciar.

Não é que o animal mefeça, por seu todo, na semelhança que guarda em relação aos outros typos de sua raça, na sua feição, alguma coisa que o destaque, não; é simplesmente o modo por que se arranja, se enrola, sobre si mesmo, dando ao observador a perfeita impressão de que se trata de uma bóla, talvez, de madeira ou de outra qualquer substancia, mecos de um animal vivo, com todas as fealhas de locomção!

Admira, sobretudo, a maneira cuprichosa por que o quadrupede se acondiciona, juntandose, contrahindo-se formando um conjunto tão bem ajustado, que ninguem seria capaz de, vendo-o, pela primeira vez, dizer que fosse um ser dotado de todos os phenomenos da vida animal.

Na occasião em que o bóla se achar mais se parecendo com um côco descascado, ou com um queijo de Palmyra, do que com um quadrupede desdentado, não se lhe poderá attribuir qualidades vitaes, pois, não se lhe pôde penetrar batimentos cardiacos, respiraço nem movimentos; parece um ser inanimado.

Guardando meticulousmente todos os seus membros, não forte, endurecido e escamoso cresco tal-o com lauza pericia, que não deixa margem a que se possa focar em nenhuma das partes internamente acomodadas—é uma bóla perfeita.

A natureza dotou-o, não com a velocidade do tatu-verdadeiro, celebre na sua espreira tremenda, de entontecer os seus temiveis perseguidores, escolhidos e auestrados dentre os diversos representantes da raça canina, nem com a morosidade peculiar ao péba, ao ser despedido em sua marcha, mas com uma terrivel força de contrações musculares, facilitando no modo de enrolar-se, rapidamente, sempre que lhe perturber o socção.

Uma vez em defesa, porque esta acomodação do bóla não é mais do que o seu meio de defender-se contra as terriveis investidas dos seus gratuitos agressores, não ha força humana que o consiga voltar em pre-ença do observador, a occupar o seu lugar de quadrupede poodo em franca exposição os seus membros estirados.

E, no acto de contrahir-se, tal é a força muscular de que dispõe, que pegando, supponhamos, um nosso dedo por exemplo, poderá danificá-lo seriamente a até mesmo cortá-lo; torna-se assim inatacavel quando se põe em guarda!

Os presentes de Papá-Natal

(PARA CRIANÇAS)

O sonho de Alzirinha — linda menina que mal abeirava os sete annos — era possuir uma boneca, dessas que vira numa vitrine da Rua XV, quando com a mamãe fôra um dia á cidade.

Joanico era mais exigente: queria um coelho.

— Um coelho, filhinho? — dissêra a mamãe. Para que queres tu um coelho?

— Quero um coelho vivo. Depois fica uma ninhada, depois os vendo, depois...

O «depois» de Joanico era um sonho absurdo. Queria vender os coelhinhos na feira para, com o seu producto, ajudar o papá, que elle sabia que trabalhava tanto na repartição e que á noitinha vinha tão cansado, que mal se podia deitar no sofá e ler os jornaes.

Joanico começou a sonhar com o dinheiro que ganharia— «Cem mil réis... Duzentos... Um conto...» Um conto de réis! Uma fortuna! Em um anno teria alguns milhares desses animaesinhos e isso não podia render menos de um conto de réis! Compraria uma casa; uma chacara... Um automovel... E' claro: compraria um automovel também. Não podia Joanico imaginar uma casa sem um automovel.

Alzirinha, mais modesta, sonhava apenas com sua boneca; queria-a loira, com grandes olhos azues arregalados, como dois pedaços de céu onde as pupilas brilhassem como duas estrellas.

— Mamãe, quando eu terei minha boneca?

— Mamãe quando apparecerá meu coelhinho?

— Esperem, filhinhos, dizia a mamãe. Papae Natal é bom e generoso. Quando elle vier, vos trará esses presentes.

Elles esperaram. Joanico não dormia fazendo calculos: «Nos primeiros seis mezes duzentos mil réis... No fim de oito, quinhentos...» Rolava na cama. Os numeros como sombras, appareciam, saltavam, riam. Eram unidades finas e longas como estrepes; cifras que rodavam como rodas de automovel. Setes rigidos como martellos.

SOCIEDADE PARAHYBANA



Mlle. MARIA DUARTE LIMA

O Natal veio Dormiram cedo. Joanico, tomado pela insomniã, ainda ouviu os repiques festivos dos sinos nas torres. Arregalou os olhinhos espianando o quarto: « agora vem Papá Natal! Agora vem »

Mas o somno atirou-o á inconsciencia. Logo pela manhã, quando o sol, loiro como um principe, entrava no quarto chamou a

— Alzirinha! Alzirinha!

Esgueiraram-se num salto. Aos pés das camas lá estavam a boneca sonhada e o coelhinho querido.

— Linda! Linda! Gritava Alzirinha erguendo triumphante no ar a sua boneca, cujos cabellos eram loiros como o mel e os olhos azues, como duas nesgas de céu, onde ardessem, como duas estrellas, as grandes pupilas luminosas.

De repente Joanico, desapontado, sentou-se no tapete. Examinou seu coelho: uma desillusão!

Era de panno, com um paletósinho cintado, vestido como gente. Por dentro era de palha e os fios do bigode, duros como cerdas de porco, eram feitos com arame.

— Então, Joanico, não estás contente?

— Eu? Não... Não era este o coelho que eu sonhava...

E, o endiabrado fedelho, cheio de tristeza, viu cahir por terra todo o seu sonho. Adeus fortuna! Adeus casa! Adeus automovel... E Joanico, que no fundo tinha um coração de anjo, comprehendeu que não é creando ninhadas de coelhinhos, que se enriquece na terra... Previo que só com o trabalho honesto, com a faina diaria, com a labuta, é que se consegue economizar um pouco neste valle de lagrimas. E pensou no papae, que vinha cansado da repartição, alquebrado pelo serviço. E, com mais ardor e carinho jurou consigo amar esse bom papae, que tanto luctava para dar aos seus filhinhos todo o conforto, inclusive essa boneca de olhos azues e esse coelhinho fardado, que elles julgavam ter cahido do céu, das mãos pródigas e tremulas do bom Papae Natal...

partira della; mas não pôde prosseguir por muito tempo nesta desigual carreira, pois que os homens são melhores corredores do que as mulheres. Helena não tardou a perder de vista Demetrio, e andando errante por ali, triste e abalado, chegou ao lugar onde dormia Lisandro.

— Ah! disse ella, é Lisandro que está alli deitado no chão; estará morto ou a dormir?

Estão tocando-lhe de mansinho, disse:

— Não se abor, se estaes vivo, acordar.

A estas palavras, Lisandro abriu os olhos, e começava o encantamento a operar; immediatamente se lhe dirigia em termos de fervente amor e admiração, dizendo-lhe que ella se parecia tanto a Hermia em belleza como uma pomba um corvo, e que por causa do amor della atravessaria o fogo e muito mais coisas por este teo. Helena, sabendo que Lisandro era o namorado da sua amiga Hermia, e que solenemente se compromettera a casar com ella, ficou furiosa ao ouvir as falas apaixonadas que elle lhe dirigia, pois pensava que Lisandro estava troçando della.

— Oh! disse ella, porque nasci para servir de escurnos a toda gente? Não basta não poder obter um olhar terno ou uma palavra amiga de Demetrio, e vós vindes ainda fingir coquetar-me deessa desdentada maneira? Julgava-a, Lisandro, um cavalheiro mais delicado.

Dizendo estas palavras em grande cólera largou a fugir; e Lisandro seguiu-a, absolutamente esquecido da sua Hermia, que continuava dormindo.

Quando Hermia acordou, ficou muito assustada por se ver sózinha. Andou vagueando pelo bosque, sem saber o que era feito de Lisandro, ou que caminho seguir para o ir procurar. Entretanto, Demetrio não podendo encontrar Hermia e o seu rival Lisandro, e cansado de procurar debalde, foi visto por Oberon profundamente adormecido. Oberon tinha sabido, por algumas perguntas que fizera a Puck, que este se enganára com a pessoa a quem devia applicar o succo da flôr, e agora, tendo encontrado aquelle a quem primeiramente o destinara, tocou as palpebras de Demetrio adormecido com o succo do amor e elle immediatamente acordou; e como a primeira creatura que viu foi Helena, começou, como anteriormente fizera Lisandro, a dirigir-lhe falas de amor; e mesmo nesse momento apparecia Lisandro, seguido de Hermia (pois por causa do desastroso engano de Puck era agora Hermia que corria atrás do seu namorado); e então Lisandro e Demetrio, ambos falando ao mesmo tempo, faziam declarações de amor a Helena, cada um d'elles sob a influencia do mesmo poderoso encantamento.

Helena, attonita, pensava que Demetrio, Lisandro e a sua outr'ora amiga Hermia estavam todos combinados para se divertirem á custa della.

Hermia estava tão surpreendida como Helena; não sabia a razão por que Lisandro e Demetrio, que anteriormente a amavam a ella estavam agora enamorados por Helena; e para Hermia a coisa não parecia brincadeira.

As duas que tinham sempre sido as methores das amigas começavam a zangar se e a dirigir palavras azedas uma á outra.

— Cruel Hermia, disse Helena, jure tu quem castigas Lisandro e offendes-me com diálogos escarnhecos: e a tua outra namorada Demetrio, que deitas, quasi me repellis com o pé, não a mandaste tu chamar-me deusa, nimpia rara, prezada e amada? Elle não fallaria assim a mim a quem odia, se tu não o incitares a fazer troça de mim. Cruel Hermia, juremos-te assim com homens para amesquidar a tua pobre amiga... Já te esqueste de tempo em que andavamos no collegio e em que nós duas eramos? Quantas

“ERA NOVA” EM RECIFE



NEMV, filha de sr. NUNES ACCORSEDE, em fantasia de "puck"

vezes, Hermia, nós ambas, sentadas na mesma almofada, ambas costando a mesma agulha, com as nossas agulhas trabalhando a mesma flôr, fizemos o mesmo trabalho; crescendo juntas, á maneira de duas corças gemas, só na apparencia separadas? Hermia, não é proprio de amigas, não é proprio de raparigas, allures-te a homens para escarnhecos uma pobre amiga.

— Espantam-me as tuas palavras esaltadas, disse Hermia. Eu não te desdenho, nem te escarneço, parece-me pelo contrario, que é tu quem me desdenha e escarnece.

— Isso continda! volta Helena. Continda, finge-te de séria, e ri-te de mim quando eu volto costas; então pisca os olhos uns para os outros e continuae na vossa troça. Se tu fosses mulher de sentimento ou de maneiras, não me tratarias assim.

Emquanto Helena e Hermia assim se dirigiam mutuamente estas palavras iradas, Demetrio e Lisandro deixaram-n'as, para irem bater-se no bosque pelo amor de Helena.

Quando ellas deram pela falta dos dois namorados, separaram-se e uma vez mais andaram vagueando pelo bosque em procura d'elles.

Logo que partiram, o rei das fadas, que com o pequeno Puck estivera escutando a sua disputa disse este:

— Eis o resultado do teu descuido, Puck, ou fizeste-o de proposito?

— Arredat-me, rei das sombras, respondeu Puck, foi um engano: não me dissesstes que eu conheceria o homem pelo traje alheniense? Contado eu não lamento que isto tenha acontecido, pois acho divertidissima a sua zanga.

— Ouvistes, disse Oberon, que Demetrio e Lisandro foram procurar lugar conveniente para se baterem. Ordeno-te que envolvas a noite num nevoeiro cerrado e que extravies estes dois furiosos namorados, na escuridão, de maneiras que elles se não possam encontrar um ao outro. Torna as vozes de cada um d'elles, e com amargos zombarias provoca os a seguirem-te na idéa de que ouvem a voz do seu rival. Tem cuidado de fazer isto até elles estarem tão cansados que não possam ir mais longe; e quando tu notares que estão adormecidos deita o succo desta outra flôr nos olhos de Lisandro; quando elle despertar ha de esquecer o seu novo amor por Helena e voltar a sua antiga paixão por Hermia; e depois cada uma das lindas raparigas pôde ser feliz com o homem que ama, e elles julgarão que tudo isso se passa em sonho. Vamos a isto, depressa Puck, e eu vou ver que doce amor a a minha Titania topou.

Titania estava ainda dormindo e Oberon vendo perto della um rustico que se perdera no bosque e que estava igualmente a dormir, disse:

— Este é que há de ser o amor da minha Titania.

E enfim-lhe pela cabeça abaixo uma cabeça de burro, que lhe ficava tão bem como se com elle tivesse nascido. Apesar de Oberon lhe ter posto a cabeça com todo o cuidado, acordou-o. Erguendo-se, sem consciencia do que Oberon lhe fizera, dirigiu-se para o sitio onde dormia a rainha das fadas.

— Ah! que anjo é o que eu vejo! disse Titania abrindo os olhos, sob a acção do succo do fôracho purpuro que começava a produzir effeito: es tu tão ajulsado como bello?

— Ora, senhora, respondeu o rustico, se eu tiver intelligencia bastante para atinar com a subida deste bosque, tenho que chegue para mim.

Não queiras sair do bosque, disse a enamorada rainha. Eu sou um espirito de não vulgar valia. Amo-te. Vem conmigo, eu te darei fadas para te servirem.

Chamou então quatro das suas fadas: e ran os seus nomes Flôr de ervilha, Teia de aranha, Mariposa e Semente de mostarda.

— Servi, disse-lhe a rainha, este bello senhor, saiae nos seus passeios e palae á sua vista; doe-lhe a comer uvas e damascos, e roubae para elle os saccos de mel de abelhas. Vem sentar-te conmigo, disse ella ao aldeão espancado, e deixa-me brincar com as tuas lindas faces purpurras e peludas, meu bello burro! e beijar-te as bellas e grandes orelhas, meu amor, alegria de minha vida!

— Onde está a Flôr de ervilha? perguntou o rustico cubeco de burro, não tardado muito

CORVO



Cabuloso, espectral, tristíssimo e agourento,
— Consubstanciação do lúgubre e do horrível:
— Arrasta-te um poder nefasto e irresistível
Para tudo que é pôdre e sórdido e nojento!

Teu todo bestial, nocivo, purulento,
Torpissimo, cobarde, infame e desprezível:
Produz em quem o vê um áscro indescriptível
Porque delle se espalha um háfio pestilento!

Lembras esses ladrões que profanam sarcóphagos...
E esse teu grande apôgo ás cousas putrefactas:
— Diploma-te o mais vil de todos os necróphagos

Andejas pelo azul, como as aguias reões...

Em vão, porém, ao céu o teu vôo dilatas:

— Baixas cada vez mais... desces cada vez mais! —

EDUARDO PINTO

BACHAREIS DE 1922



AGRIPPINO NOBRELOJA

Helena e Demetrio estavam a este tempo acordados, e tendo um doce somno aquietado o espirito excitado de Helena, escutou com prazer as declarações de amor, que Demetrio continuou a fazer-lhe e que, para surpresa como para prazer della, começava a considerar sinceras.

Estas bellas damas noctivagas, agora já não rivaes, ficaram uma vez mais sinceras amigas; foram perdoadas todas as palavras desagradáveis que haviam sido proferidas, e sernamente consultaram uma com a outra sobre o melhor que havia a fazer na sua situação. Logo ficou combinado que, como Demetrio renunciara a sua pretensão a Hermia, elle se esforçaria por influir junto do pae della para revogar a sentença de morte que contra ella fora lavrada. Demetrio preparava-se para regressar a Athenas, a fim de se desempenhar da missão de que fora incumbido, quando foram surprehen-didos pela chegada de Egeu pae de Hermia, que vinha ao bosque em perseguição da filha foragida.

Quando Egeu percebeu que Demetrio já não queria casar com sua filha, não se oppoz mais ao seu casamento com Lisandro, mas deu o seu consentimento para que elles se casassem dali a quatro dias, isto é, no mesmo dia em que Hermia fora condemnada a perder a vida; e nesse mesmo dia Helena jabilosamente acceden a casar com o seu amado e agora fiel Demetrio.

O rei e a rainha das fadas, que eram invisíveis espectadores desta reconciliação, e agora viam o feliz remate da historia dos namorados, levada a bons termos pelos bons officios de Oberon, regosijaram-se tanto, que resolveram celebrar as bodas proximas com festas em todo o seu reino.

E agora, se alguém se offendeu com esta historia de fadas e das suas façanhas, considerando-a incrível e extranha, deve lembrar-se de que estiveram todos dormindo e sonhando, e que todas estas aventuras foram visões succedidas durante o somno: e eu espero que nenhum dos meus leitores seja tão falho de razão que se offenda com um livro

caso do galanteio da rainha, mas inchada de orgulho de ter tanta gente ao seu serviço.

— Prompto, senhor, respondeu Flôr de ervilha.

— Coça-me a cabeça, ordenou o rustico.

Onde está a Teia de aranha?

— Prompto, senhor, respondeu Teia de aranha.

— Minha querida sr^a Teia de aranha, disse o toleirão, mata-me aquella uhelhu pousada naquelle cardo, além, e depois traze-me a bolsa do mel. Tem cuidado, não te magões, e não rasgues a bolsa de mel: muita pena isso me causaria.

Onde está Semente de mostarda?

— Prompto, senhor, respondeu Semente de mostarda. Que desejas?

Nada, disse o rustico, é só para ajudares a Flôr de ervilha a coçar-me. Preciso de ir ao burbeiro, se^a Semente de mostarda, pois parece-me que tenho a cara maravilhosamente peluda.

— Meu doce amor, disse a rainha, que queres comer? Uma fada minha irá á dispensa do esquillo, trar-te-á algumas nozes.

Ea antes queria um punhado de ervilhas secas, disse o aldeão, a quem a cabeça de burro communicara um appetite asinino, mas, peço-vos que ninguém da vossa gente me incomode, pois estou com vontade de dormir.

— Então dorme, disse a rainha, e vou adormecer-te nos meus braços. Oh como eu te amo! como estou doida por ti!

Quando o rei viu o rustico a dormir nos braços da rainha chegou-se a ella e censurou-a por prodigalizar as suas caricias a um burro.

Ella não podia negá-lo, pois que o rustico estava dormindo nos seus braços com a cabeça de burro coroada de flôres. Depois de a haver atormentado por algum tempo, Oberon pediu de novo o rapazito, e ella, envergonhada por descobri-la pelo seu senhor com o seu novo favorito, não ousou recusar-lhe-o.

Oberon, tendo assim obtido o rapazito, que ha tanto tempo desejava para seu pagem, compadeceu-se da desgraçada situação a que pelo seu alegre tramu elle levava a sua Titania, e passou-lhe nos olhos uma porção do succo da outra fiôr. A rainha das fadas immediatamente recuperou as suas faculdades e ficou espantada da sua paixão pelo burro, dizendo quanto agora lhe repugnava a vista do extranho monstro.

Oberon tirou ao rustico a cabeça de burro e deixou-o acabar o somno com a cabeça que Deus lhe dera.

Estando Oberon e a sua Titania agora perfeitamente reconciliados, elle contou-lhe a historia dos namorados e as suas zangas á meia-noite; e ella annula a te com elle ver o termo das suas aventuras.

O rei e a rainha das fadas encontraram os amourosos e as suas bellas damas a pequena estancia uns dos outros, dormindo num rebovo: pois Puck para reparar o seu primeiro erro, empregara todas as diligencias para levar todos ao mesmo sitio, sem se verem uns dos outros e havia cuidadosamente retirado o encantamento dos olhos de Lisandro com o anti-doto que o rei lhe dera.

Foi Hermia quem primeiro acordou, e, encontrando o seu perdido Lisandro a dormir

tão perto della, quedou-se a olhar para elle, admirada da sua extranha inconstancia. Lisandro não tardou tambem a abrir os olhos e, vendo a sua querida Hermia, recobrou a razão que o encantamento magico havia nublado e com a razão o seu amor por Hermia, começaram então a falar das aventuras da noite, duvidando se estas coisas haviam effectivamente succedido ou se elles tinham estado ambos sonhando o mesmo extranho

CHRONICA DO NATAL

De OLAVO BILAC

Não é preciso ser muito religioso, para sentir intensamente a influencia perturbadora destes ultimos dias de dezembro, destas lindas festas de Natal.

Até os corações mais séccos e desesperados, recebem, nesta época do anno, um orvalho de alegria e um clarão de esperança. Será uma alegria artificial, e será uma esperança passageira — mas, que é, afinal, o que não é passageiro e artificial neste mundo? Também são artificiaes e duram pouco essas formosas arvores do Natal, que ora se estão apendoando de brinquêdos, carregando de flôres, vergando de fructos e constellando de luzes: que importa? na sua belleza fugaz, são plantas de sonho consolador, são creações de phantasia risonha e dão á gente a illusão de poder apparecer na terra, estúpida e escura, de quando em quando, um pedaço deste céu que sonhamos, onde tudo é bello e puro, innocente e eterno . . .

Por mim, confesso que é esta a época do anno em que mais vivamente me sinto viver. Viver não é sómente viver. Viver é esperar e lembrar: e esperar e lembrar são dois prazeres, que fazem esquecer e perdoar muita coisa. Sempre que chego ao meião de um dezembro, tenho um excesso subitaneo de vida: sinto mais facil o trabalho, mais são o corpo, mais leve a alma. E' a influencia dessas festas do Natal, que, no seu piedoso symbolismo, não celebram apenas o nascimento de um Deus, mas o perpetuo renascimento de todas as almas. Cada existencia é uma serie de successivas existencias, e todos nós, sempre que alcançamos uma destas estações de parada e repouso, esticamos o olhar ansioso para deante, sempre esperando ver ao longe o bem sonhado, que ainda não veio, mas talvez acabe por apparecer, glorioso e completo. Mas, ainda que viver nunca fosse — esperar e sempre fosse exclusivamente — lembrar, ainda assim seria bom viver! Lembrar! Que occupação seductora e encantadora para um espirito intelligente! Lembrar é um consolo tão grande, que os creadores da mythologia grega, querendo dar á ficção do inferno um horror supremo, inventaram o rio Lethe, o rio sinistro do esquecimento, em cujas aguas, depois do banho maldito, as almas deixavam ficar todas as lembranças da vida terrena. Haverá castigo peor do que esquecer? Para mim, dezembro é sempre um mez feliz, porque é um mez de recordações.

Acabo de ver, em uma loja da Avenida, esplendecendo no mostruario, sob uma grande arvore de Natal, cheia de luzes — um lindo grupo, com todos os seus attributos legendarios e tradicionais. No centro, o escabelo humilde; Jesus, na palha da manjedoura, levantando os braços; e ao lado de fora: Maria, de

mencia do Natal, promissora da redempção.

Alli fiquei alguns minutos, distrahido, enlevado, sorrindo, gosando a innocencia daquella arte simples e a suavidade daquella doce lenda e, depois, pela Avenida afôra, vendo estender-se, a um e outro lado, as filas das luminarias dos cinematographos, — vim recapitulando e revivendo todos os meus natus . . . Tantos . . .

Ainda não lhes perdi a conta, — mas já acho difficuldade em costal-os e distinguil-os. Alguns tristes, alguns alegres, alguns nem alegres nem tristes — mas todos inspirando saudades, porque até os males passados nos fazem saudades, nessa nossa pobre existencia, que é como um rio apressado, nunca tornando a beijar as areias que uma vez beijou, nunca tornando a reflectir as folhagens e as nuvens que uma vez se espelharam em suas aguas.

E vim revivendo os meus natus de creança, portadores de gincimas e brinquêdos; e os meus natus de adolescente — os melhores! os que traziam as festas alegres em que meu coração, batendo junto dos outros corações da minha idade, se iniciava no delicioso tormento, na amargurada ventura do amor; e depois desses ainda recapitulei muitos outros, — me nos impugna, mas igualmente bellos, natus dos meus vinte e dos meus trinta annos, — e acabei recordando os ultimos, — que me vão levando para a velhice e para a cova. Foi um trabalho encantador, esse da exhumação de tantos mortos natus . . . Muitos passei-os aqui, no trabalho e no calor da cidade, outros passei-os na roça, no seccario simples da vida campestre, com a liberdade e a alegria que a vida urbana não permite — a perigrinação, alta noite, á ermita em que se rezava a missa do gallo e a coveada ao ar livre, sob o pallio estrellado da noite, ao gemer apaixonado das vioias; — e alguns outros tive, poucos, de tristeza viva e soffrimento amargo . . . Lembra-me, por exemplo, um triste natal que tive longe, bem longe daqui, na mais alegre cidade da terra — em Paris, ha desesete annos.

A longa faixa dos boulevards esplendia e rancejava cheia de barracas illuminadas, percorrida por ondas tumultuosas de povo. A neve accumulada nos tectos das barracas rutilava como prata viva, ferida pela luz das lampadas. E um vasto clamor, em que se misturavam os pregões dos barraqueiros, os gritos e

NOTAS INFANTIS



CARMINHA — filha da senhora Lima de Paula e Silva

mãos em cruz, admirando o fillo bem amado, o carpinteiro, de olhos erguidos para o céu.

Perto, os dois animaes que symbolizam a bondade e a resignação — o boi, paciente, e o jumento, soffredor . . . A um lado, os três reis prosternados: Melchior, de pelle de neve, Gaspar, de pelle de açafraão, Baltazar, de pelle de ébano . . . Em torno, uma paisagem ingenua e infantil: o campo de papel verde, cheio de pastores de cara de óes e tunicas de vermelhão, rios feitos de estilhaços de espelhos, arvores de cópa de musgo sécco, casinhas e choupanas de papelão, grudadas aqui e allí, ao acaso, e menores do que os zegas e as cabras que as rodeiam . . . E, no alto, como natus

de algodão e anjos de cêra, a grande estrela-

cocheiros, as vociferações dos exaltados que

brigavam, o alarido triumphal das musicas e dos canticos — subia victoriosamente para o céo, que continuava a peneirar uma neve esgarçada e alva. Paris delirava . . .

Mas, sósinho, tendo perdido na multidão os companheiros habituaes das minhas noitadas, eu vagava por alli, sentindo pouco a pouco crescer-me dentro da alma, amarguradamente, a saudade dos nataes de minha terra. E não era sómente a nostalgia que me magoava. Naquella época, eu convalescia de uma dessas terriveis doenças moraes, cujo acerbo soffrimento só as almas de vinte e vinte e cinco annos sabem sentir: um desengano de amor . . . E o contacto daquella multidão, que me acotovelava, e na qual se advinhavam tantos amores contentes, resuscitava a minha agonia já morta. Fugí dalli abotrecido. Mas a festa dominava toda cidade . . . Não havia *boulevard*, nem praça, nem rua, em que não se observasse riso e alegria. Os *cabarets* regorgitavam.

Paris, toda a immensa Paris, comia, bebia, ria, cantava, folgava!

Continué a andar, sempre a achar gente feliz, até que fui dar commigo num hairro afastado e pobre. Como o inverno era rigorosissimo — o Sena gelado — varias fabricas com o trabalho suspenso, um numero consideravel de familias na miseria — a Municipalidade mandava accender todas as noites, em algumas praças, enormes fogueiras, a que se vinham aquecer os que não tinham tecto nem fogo. Os meus passos errantes me haviam levado a um desses acampamentos da miseria de Paris . . . Pois até alli havia felicidade e alegria! Em torno do braseiro, os pobres comiam pão sêcco e cantavam: e um rapazão andrajoso abraçava e beijava uma rapariga em farrapos! Nunca me senti tão só e tão triste na vida; voltei dalli ao centro de Paris — e caí numa pandega allucinada, com gente desconhecida, e nem sei bem em que desatinos e em que loucuras afoguei a minha tristeza mortal . . .

Mas . . . ao lado dessas e de outras poucas recordações de nataes desconsolados e solitarios, quantos tenho eu de nataes immensamente felizes . . .

Poucos annos depois desse meu natal de Paris, tive um outro em que alguém . . . mas, não! Nem todas as recordações pôdem ser confiadas á letra de fôrma e ao papel de impresso; ha felicidades tão grandes e tão puras que não é possível contal-as sem sacrilegio; o mais que se pôde fazer é recordal-as em silencio, saboreando em segredo, com a alma cheia de religioso respeito e de enterrecida saudade . . . Encerro a chronica e vou continuar a exhumar, deliciado, os meus mortos nataes, revivendo-os e abençoando-os . . .

Dr. André Rebouças

Transcorreu no dia 2 deste mez o anniversario natalicio do illustre engenheiro André Verissimo Rebouças, digno chefe do 4.º districto das Obras Contra as Sêccas com sede neste Estado.

O dr. André Rebouças, que se vem affirmando nas graves funcções a seu cargo um administrador de notavel capacidade de trabalho, zeloso e intelligente, creou na sociedade



parahybana um vasto circulo de relações de amizade e sympathia, alargado ainda mais pelas exceptionaes qualidades de espirito que o tornam um cavalheiro merecedor da estima de quantos o conhecerem.

Fazendo este registo com a tardança motivada pela demorada publicação desta revista, enviamos, com justo prazer, os nossos cumprimentos votivos de felicidade ao competente engenheiro, pelo transcurso daquella grata epheméride.

A nossa edição do Centenario

Continuam a chegar de diversos pontos deste Estado e de outros, pedidos para a nossa edição commemorativa do Centenario, a ser proximamente publicada.

Conforme já noticiámos, esse numero constituirá um grosso volume de 300 paginas, mais ou menos, contendo diversas allonrias e es-

pectos das solennidades do Centenario nesta capital e no interior.

Além desses *clichés* inserimos também outros de figuras representativas da nossa vida politica e social, inclusive de formosos elementos da nossa elite feminina.

Na parte litteraria figuram trabalhos de authoria de Ruy Barbosa, Guerra Junqueiro, Carlos Dias Fernandes, Coelho Netto, José de Almeida, Otavo Bilac, Pe. Pedro Anisio, Alberto de Oliveira, Rocha Pombo, Alvaro de Carvalho, João Ribeiro, Raúl Machado, Augusto dos Anjos, Pereira da Silva, João do Rio, Odilon Nestor, Raymundo Correia, Lucillo Varejão etc. etc.

Consagramos parte desse numero a um conciso estudo das nossas finanças, desde o anno de 1890 até aos nossos dias e a uma minuciosa reportagem sobre as obras do Nordéstc, devidamente illustrada.

E', como se vê, um magnifico volume, onde se mostra a vida da Parahyba litteraria, politica e social nas suas mais apreciadas faces.

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia de 10\$000, preço de cada exemplar, accrescida da quantia equivalente á despesa do porte e registro pelo Correio, com excepção feita para os nossos assignantes, a quem serão enviados sem mais despesas, além do preço indicado.

Mais uma vez avisamos aos nossos amigos do interior que façam quanto antes os seus pedidos, a fim de estes chegarem a tempo de ser attendidos, pois cerca de mil numeros dessa grande edição estão desde já previamente commendados por pessoas residentes fóra da capital.

O novo director da Instrucção Publica

A convite do exmo. sr. Presidente do Estado, assumiu no dia 11 deste mez, a direcção da Instrucção Publica o distincto intellectual patricio dr. Alpheu Rosas, nome acatadissimo na melhor sociedade conferranea.

Louvamos o acto do chefe do governo chamando um cavalheiro da idoneidade do sr. Alpheu Rosas para gerir um dos mais importantes departamentos da publica administração, e enviamos parabens ao recém-nomeado, por ter oportunidade de collaborar na honesta e brilhante gestão do sr. So-

DR. EPITACIO PESSOA

Da "Revista de Exportação e Importação", correspondente ao mês de novembro p. p., que se publica em Berlim, transcrevemos a seguinte noticia:

*O BRASIL NA LIGA

Sabemos de fonte muito autorizada que o sr. Epitacio Pessoa, actual presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil até ao dia 15 do corrente, será nomeado para substituir o conselheiro Ruy Barbosa no posto de representante do Brasil no Tribunal da Liga das Nações.

O sr. Epitacio, que em virtude de seu titulo, de ex-presidente do Brasil, passará em virtude de nova lei de 1921, a pertencer á corte suprema de Justiça do seu Paiz, onde também, sabemos, será eleito seu presidente na proxima installação daquela, terá de deixar esse

cargo antes de maio de 1922 para se transferir para Paris onde irá residir.

A sua nomeação pelo novo governo brasileiro effectuar-se-á antes de março...

UNIVERSAL CLUB — Na sua segunda phase acaba de reaparecer a revista Universal Club, organ da sociedade *Carta Philologica e Literaria*, nesta capital.

A excelente publicação, que apresenta perfeitamente as lras a que se destinam, deu-nos no mês de novembro p. p. uma esplendida edição illustrada de magnificos clichés de poemas e aspectos da Parahyba. Destes os primeiros occupam-se os artigos de sr. Dr. Epitacio Pessoa representante da Republica e Severino de Lacerda, um dos directores desta revista e official de gabinete da Presidencia.

O honroso premio que Universal Club vem de prestar ao nosso preciosissimo collega merito nos desvanecemos, pelos honrosos motivos de que se fez echo sobre a sua sympathica personalidade.

Agradecemos, desgrasado a nossa confidencia vida prospera.

O editor — Numa edição de 24 paginas impressas em papel *couché*, circulou no dia 15 de novembro, em homenagem a esta data, o nosso collega o *Educador*, paladino dos interesses da classe dos professores parahybanos. A referida edição vem repleta de clichés nitidamente impressos, tendo trabalhos assignados por nomes já laureados nas nossas letras.

Este numero estampa também os retratos dos seus directores e redactores e muitos dos que collaboram no apreciado organ do nosso magisterio.

Felicitemos o distincto collega pelo successo alcançado com a prefallada edição.

ENSINO PARTICULAR

O professor Mario Gomes prodigaliza em sua residência, á rua Indio Piragibe, 372, lições de materias do curso secundario e prepara alumnos para exames de admissão ao *Lyceu Parahybanos e Escola Normal*.

NUNCA DESESPERAR...

POR FALTA DE... «QUE»...

CONTO ORIGINAL
COLLABORAÇÃO

Narciso de Mello Regis, ultimo rebento sobrevivente de illustre familia arruinada, ha muitos mezes clamava, reclamava, impreca, blasphemava, mendigando um emprego aos influentes politicos em, entretanto, conseguiu-o.

Esperanças... mais esperanças... sempre esperanças... unicamente esperanças...

E: como esperanças só significam alguma cousa quando alguma cousa ainda nos resta de recursos nesta vida pesada e contrapesada pela carestia assombrosamente crescente de todos os generos imprescindiveis e imprescindiveis, chegou-lhe, ao nosso infortunado Narciso, o dia mais tragico de sua penosa existencia.

Mais tragico, sim; pois tragicos lhe foram todos os subsequentes á forçada hypotheca da sua unica propriedade (uma *terre* hedionda da qual lhe restavam apenas dolorosas reminiscencias) resultando-lhe, em vez de melhoras de condição financeira, posterior e formal expulsão do impiedoso agiota, S. P. para quem transferira o dominio do restante proprio hereditario.

Perdera o credito: devia a todo o mundo; ninguem lhe emprestaria mais um real por nada se indemnizar com esperanças...

Restava-lhe no bolso do colete de lã, quase a asphyxiado naquella dia excessivamente abrasado, mas assás prestimoso pois occultava-lhe a camisa em trapos, o ultimo nickel de cem réis, ironicamente retinindo, aos repetidos choques com uma pequena chave de gaveta sua comparsa naquella cruelissima perversidade...

O pobre e infeliz moço, assaltado pelo desespero de um desequilibrado mental, recorreria ao supremo recurso dos vencidos pelos revezes da sorte — o suicidio.

Dominado, escravizado pela idéa fixa, ao ponto de tornar irrevogavel, improrogavel a sua finalidade de auto-sentenciado, toma o bonde destinado á rua Maciel Pinheiro, entregando, ao conductor, com um prolongado suspiro, no qual se lhe esvaiu a metade da alma, a moeda tão pequena quanto perversa, pertinaz escarnecedora do seu desventurado proprietario...

Conjecturava este: Não tenho dinheiro... mas... nada mais facil...

das... agradecer um momento protector á execução do plano, e... fazer um projecto atravessar-me o cráneo...

Com a radio já completamente entorpecida, saltou do coberto, dirige-se ao Corral Bentes, o qual, prescrutando no respeito de ser uma tragedia, pelas suas modas extranhas, nega-lhe a existencia de armas no estabelecimento por estar "disortado, na occasião..."

A idéa lagubre, impellido-o sempre, lembra-lhe a casa do Sá Leitão e elle, automaticamente, tomando a calçada opposta, segue rua abaixo...

A certa distancia percorrida, estaca repentinamente, diante da vitrine da Livreria Andrade: um livro, em cuja capa realtavam duas listas anti-venidas, prendeu-lhe toda a attenção. Este... verifica, de perto, o volume...

O Francisco Espinosa, velho, aproxima-se e lhe esculha o valor da obra, chamando-lhe a observação para a apresentação da mesma, pela sua autorizada origem, (da pena acutilante de Carlos D. Fernandes) por ser o sufficiente testemunho da sua incontestavel importancia...

O Narciso, dominado pela maior curiosidade nunca dantes exp-

do — *Fallérios* — de Mardokêo Nacre. Começou então, a sentir, ao realizar a leitura interessante e curiosa das primeiras paginas, o espirito se lhe desanuviando...

Não se conteve: — Andrade, vende-me, "fiado", este precioso volume!

O Andrade, sempre bondoso, accede-lhe a solicitação, dizendo:

— Por falta de dinheiro no momento não consentirei o meu amigo continuar a ser, talvez, a unica pessoa na Parahyba, ignorante do conjuncto de cousas interessantes contidas nesta obra excepcional!

Sabe o Narciso absorto na leitura das produções originaes obtidas, já considerando o facto uma felicidade, um verdadeiro triumpho!

Não pensou mais em suicidio. Leu e releu, até adiantadas horas da noite, o maravilhoso volume, e na manhã seguinte, ainda estava na cama, mas radicalmente aliviado do pesadello da vespera, quando recebeu, por intermedio de um despacho telegraphico remetido por dedicado amigo, residente no Rio, a gratissima noticia de haver sido nomeado para distincta e rendosa collocação fe-

O QUE DIZEM OS GALLOS NO NATAL

De JOÃO DO RIO

— Christo nasceu!
— Onde?
— Em Bethlém.

Lembro-me bem das explicações que me dava uma tia velha a mim, garoto precoce. Ella fôra lida — nariz aquilino, bastos cabellos ondedos, a tez de rosa, um perfil grego. Chamava-se Themocléa. Joven e radiante, um ataque de cabeça fê-la para todo o sempre paralytica do lado direito. Assim foi impossível pensar em casar-a. Com accessos terríveis de tempo em tempo, sempre meio aluada, vertiginosamente envelhecida, ora na casa de uma irmã, ora em outra, ella éra, sem que ninguém o dissesse, a inferior, a que vive do favor alheio.

Os verdadeiros horrores estão no coração dos burguezes dignos. Se os burguezes fizessem exames introspectivos como os padres antigos — o mundo seria menos povoado, tanta miséria e torpeza commettem elles, sem pensar que as commettem . . .

Themocléa era, porém, independente. De repente rebentava improperios, dizia a verdade á irmã caridosa, e partia á aboletar-se noutra casa de outra irmã. Estou que era muito infeliz. Nunca mais a vi, não sei se a reconheceria hoje, e de certo, não a procurarei. Nos domicilios das irmãs, ella acalentava, cuidava e vivia com os sobrinhos. Machinalmente. Porque era o seu destino. Talvez sem os amar. Hoje, mais de trinta annos são passados e eu tenho a certeza de que não me amava. Um dia, não lhe dando eu motivo, atirou-me com uma tesoura.

Entretanto, foi ella a alimentadora primeira da minha infancia, a instigadora da minha imaginação, o meu vicio de creança, o meu oraculo. Della ouvi a primeira historia de fadas, com ella acreditei no que se não vê, para ter fé sempre no milagre do impossível. Quando Themocléa levava tempo sem zangas nas outras casas, eu descia do meu orgulho e sollicitava a sua volta. Quando ella chegava, eu vibrava. Lembro-me bem.

Ella chegava no auge da indignação contra as infamias de uma das irmãs. Vinha sempre para sempre — com as malas. Primeiro contava os horrores de que fôra victima. Depois entrava na alcova e despia o traje de gala, porque sahindo poucas vezes e amando as pompas como as creanças, os seus raros vestidos de rua eram quasi vestes de baile, com sêdas, rendas claras, vidrilhos. Eu esperava-a, rondando a porta da alcova.

Ao vel-a sahir, agarrava-lhe a mão.

— Vem! Vem contar historias . . .

Ella accedia. Mas, invariavelmente, a horas fixas como nos cursos das faculdades: — á tarde, depois do almoço, e á noite, depois do jantar. Havia numa varanda um immenso sophá de jacarandá. Ella sentava-se ao canto; eu estirava-me a fio comprido, com a cabeça no seu magro regaço.

— Que historia quer?

OS NOSSÓS COLLABORADORES



Eng. FRANCISCO MANGABEIRA ALBERNAZ

A da «Maria Yorta». Mas conta toda, bem longa.

Ella sorria e começava.

— Era um dia uma princeza linda . . .

E eu ouvia, ouvia, ouvia insaciavelmente. Tão insaciavelmente que jantava ás pressas, nervoso, para tornar a ouvir até adormecer.

Eu tinha três annos, quatro annos, cinco annos, seis annos, depois nunca mais ouvi dessas historias e nunca mais vi Themocléa. Não sei se ella me fez bem ou mal. O que somos devemos ao nosso temperamento.

Eu nascêra para as historias. Mas lembro-me que exigia della as legendas phantasticas como quem deseja saber todas as historias de

viagem realizada de olhos vendados.

Certa vez, laboriosamente, sem rugas, todas as irmãs casadas resolveram passar o dia de Natal na casa da progenitora, uma velha tonfroante, meio advogada, meio militar.

Era a tocante reunião da familia. Hoje se que abomino os prazeres da data fixa, os prazeres geraes do calendario. Em creança, tinha dessas festas um immenso pavor.

O Natal, o Anno Bom, o Carnaval, o João, á sua approximação deixavam-me febril, inquieto. Que iria acontecer? Não acontecia nada. Por isso mesmo, ao terminar, eu tinha um azedume.

Apenas as creanças, bem creadas fazem o que os paes querem.

Ea tivêra de dormir na casa de minha avó, bem contra a minha vontade. E pela madrugada, ainda escuro, ouvi os passos claudicantes da tia Themocléa. A pobre acordava á matina, onde estivesse. Ella mesma fazia o seu castê. Depois encostava-se á janella e ficava a ver nascer o dia.

Saltei do leito, pé ante pé, não podendo resistir. Lá estava ella á janella da casa de jantar, que dava para um immenso estabelecimento de floricultura. No céu, todo branco, as estrellas apagavam-se. Na sala havia ainda sombras — outras sombras; o ar estava embalsamado de perfumes. Que mysterio! Que imprevisto! Tão cedo assim, eu só acordara uma vez, quando partimos para uma viagem.

A manhã no seu rejuvenescimento original sempre me deu essa sensação da partida, o inicio de marcha, de certeza de não voltar a acabado.

A janella era de peitoril. Junto a Themocléa havia uma cadeira. Trepei para a cadeira. Ella não me disse nada e não me fez um carinho. Mas eu sentia que fazia com ella uma coisa extraordinariamente nova, que os outros não faziam. Fiquei assim vendo clarear o dia importante, em que devia haver um grande jantar. Descobri, aos poucos, os canteiros de flores, os caminhos que separavam os canteiros e ouvia o duello vocal dos gallos. Oh! como havia gallos a cantar! Era por todos os lados, perto em torno; longe . . .

— Tantos gallos a cantar! disse eu.

— Estão cumprindo a obrigação. Deus que assim.

— Porque?

— O menino não sabe que Christo nasceu num estabulo, entre um burro e um boi?

... nasceu e seu pae
... estava zangada com
... com a sua esposa...

ERA NOVA

— Nossa Senhora tinha ido até lá para fugir de Herodes, que decretara a morte de todos os meninos. Ninguém sabia onde estavam Maria, Sant'Ana e S. José. Deus mandou a luz das estrelas guiar os três reis magos. Mas havia os pastores, os pobres, também inocentes, e o resto do mundo. Deus então fez soar ao gallo que andava na estribação e chamou a todos os outros gallos. De modo que quando Jesus nasceu, o gallo gritou logo.

— E o que disse o gallo?

— « Christo nasceu, muito distante logo seguinte: « Onde? »

E disse: « Em Bethlém », de serra em serra, de serra em terra, os gallos foram transmittindo a noticia. Quando o gallo nasceu, já o mundo inteiro sabia pelos gallos que Jesus viera salvar o mundo.

— Mas, porque os gallos repetem a mesma coisa agora?

— Para festejar os acontecimentos. Também quando já nasceu e seu pae (que estava zangada com o pae) festeja o seu aniversario com tanta alegria, que parece que acabou nascido de novo.

— Compenetrado eu ouvi os gallos. Eles atalhou-me.

— Depois os gallos não sabem dizer outra coisa. Deus quiz que os gallos dissessem o bem.

Eu continuava a ouvir o comicio triumphal dos gallos. Já o horizonte rapidamente azul se bar-

... de carmelim; já da rua vinham ru-
... de vida; já entre as flôres do jardim
...avam os jardineiros, com grandes regadores
... vermelhos.

E, perto, em redor, longe, mais longe, os gallos aliravam ao ar o dialogo de luz:

— Christo nasceu...

— Onde?

— Em Bethlém.

Porque essa madrugada nunca mais me sa-
... da memoria? Eu, depois, vivi. Na adoles-
... cencia, na mocidade, a madrugada de Natal não
... teve mais a revelação esforçada dos gallos. Quan-
... tos annos, no Rio ou em outras cidades, eu
... não dormi na véspera de Natal, aborrecendo-
... me nas mesmas ceias, rindo do mesmo modo,
... bebendo champagne da mesma maneira? Por-
... fim, o meu sentimento quanto ao Natal, pro-

...vidado por comparação, recorre-se, finalmente,
...mente principal:

Natal é uma festa deliciosa em Paris.

Logo sem atargar choramente. Pedia-se a vir-
...gindade da alma com certos sentimentos que
...a do corpo.

Ao de mais eu li, em 2.º volume, a figura de
...Christo no fundo do sonho. Encha-me de

...tando para defender-se. O Evangelho é uma
...burla como o Sermão da Montanha. Não foi
...S. Agostinho que disse: « Se não fosse o res-
...peito á auctoridade da igreja, deixaria de dar
...lê ao Evangelho »?

No ultimo livro que li, o do abbade Loysi,
...encontrei o resumo de todas as duvidas. O
...nascimento milagroso de Jesus é ignorado de

PARAHYBA DE HOJE



CASA ELECTRICA DA T. L. & F.

... respeito. Mas eu era moderno, naturalista.
... E sabio. Todos os annos eu era sabio. No
... anno seguinte, sei que no anterior eu era um
... ignorante, mas no anno presente, eu é que sei
... tudo. Assim mesmo eu me lembro, vagamente,
... num livro de primarias leituras, eu tive
... a certeza de que o *chocalho dos gallos é como*
... o coxar das rãs, o zano dos leões, e um
... dos leões, o trino dos passaros. Nada de es-
...pecial.

Antes de Jesus, já os gallos cantavam como
... cantam hoje. Depois, estudando, maravilhado
... na sciencia, em pleno entusiasmo do evolutio-
...nismo, eu li, talvez antes de tempo, varias his-
...torias de Christo — «para desmentir o mytho».
... De modo que na estade da reflexão eu sei:

— Que não ha nada certo acerca de Jesus,
... sendo legendas e phantasmas da igreja, de um

... Marcoz João. Os evangelhos falam de irmãos e
... irmãos de Jesus. Se Christo foi chamado filho
... de Deus é porque isso significa « inspirado de
... Deus ».

Toda a vida de Jesus, como a contam os
... evangelhos, é um tecido de mentiras que se
... contradizem. Elle nunca disse, partindo o pão:
... « Este é a minha carne ». Justificado não podia
... ser sepultado, teria ido para a valla commun.
... Não se sabe mesmo a data da sua vida. Flavi-
...o, hebreu, que escreveu, em setenta numeros,
... a historia da Palestina, fala de S. João, fala
... de Pilatos, mas não diz uma palavra de Chris-
...to. O silencio de Flavio causou uma tal im-
...pressão que resolveram interpoliar um periodo
... a respeito na obra. Mas a ausencia de Jesus é
... de notar em Justo de Tiberiade, que escrevia
... no mesmo tempo; e em Eublio de Hieronymo,

ASPECTOS DO INTERIOR

que devia ter sido contemporâneo sobrevivente do Messias.

O único cidadão que fala de Christo é Tacito e Tacito escrevia cem annos depois, quando já circulavam os evangelhos.

Quando nasceu Christo? Matheus diz que no tempo de Herodes, isto é, pelo menos, quatro annos da data que imaginamos; Lucas assegurava que foi no anno VI, e, analysando os evangelhos verifica-se que Jesus podia ter morrido no tempo de Tiberio, como de Claudio, como de Nero. A sua crucificação é um arranjo tomado ao velho costume persa e babilónico. Em Alexandria, nas festas de Sacéa, passeavam um condemnado vestido de rei, antes de espancá-lo e crucificá-lo.

O condemnado chamava-se Karabas. Em Araméo, Karabas passa a Barrabás, isto é, «filho de pae». Está provado que Jesus ter nascido de uma virgem é pura deturpação de uma propheta de Isaías, que Jesus é nazareno pelo mesmo motivo e quanto a Bethlém, devemos tal invenção ao propheta Míchéa, que assegurava allí dever nascer o Messias.

Como estava longe da explicação da tia Themoclés! E, com que dôr...

Mas, uma vez, em Paris, ha cinco ou seis annos, depois de fazermos um delicioso *reveillon* por varios *restaurants*, vamos terminar a madrugada no «Café de Paris», quando um dos mais temíveis *accours*, Celestino de Rivas — pseudonymo transparente de personagem muito conhecida no Brasil — mandou parar o automovel.

— Deixo-os aqui.

— Como? Tu! E' impossivel!

— Não posso continuar.

— Estás doente?

— Excelente saúde, ao contrario.

— Então, não te deixamos sem que nos digas a rapariga que te espera.

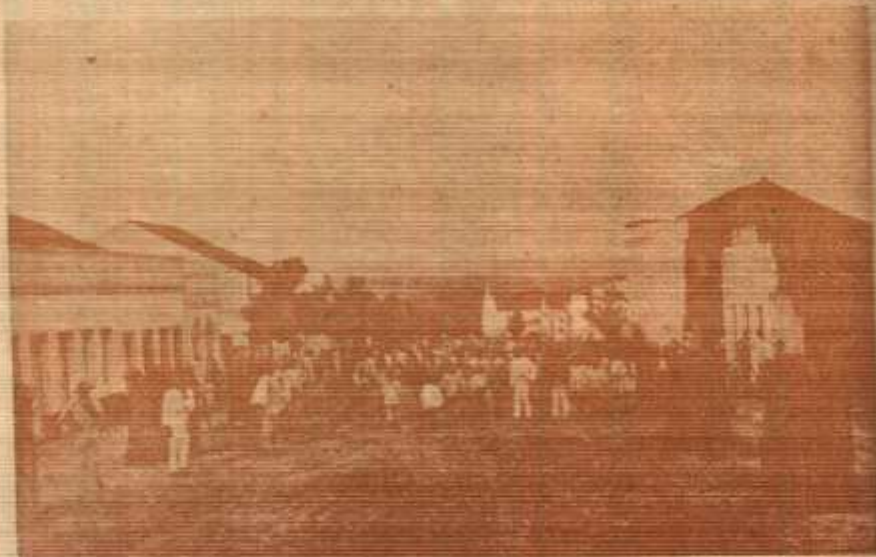
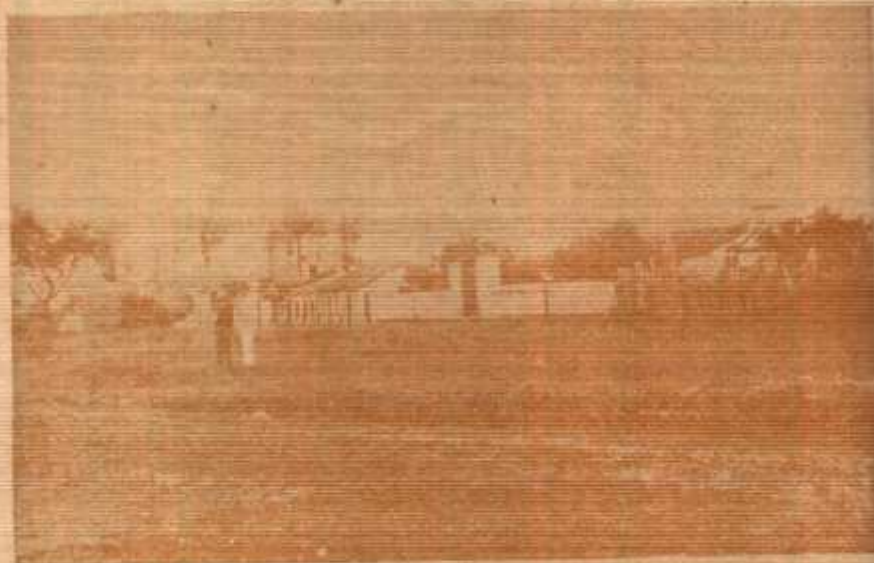
Elle sorriu e, simples:

— Vou a correr ver se apanho a missa em S. Felippe de Roule. Não poderia continuar a viver feliz se não pedisse a Deus na missa do dia em que nasceu Jesus.

E partiu. Os outros tiram galhofando. Eu fiquei pensando. Descobri porque Celestino de Rivas era bom, apesar dos horrores que delle diziam. Celestino era bom, porque a sua alma tinha a ingenuidade de acreditar.

Ter fé é estar sempre perto do mundo que se ignora.

Que me valéra como aos outros, discutir, amargarar-me para provar o absurdo da existencia divina de um homem? Que mal fizera eu a elle? Nenhum, senão a mim. Nenhum, senão a consciencia da belleza que é uma perfeição. Nascido ou não em Bethlém, com familia ou sem ella, crucificado ou não, a aspiração infinita dos homens melhorou, creando uma figura de esplendor incomparavel. Pôde-se e é ás vezes necessario duvidar da existencia de um presidente de Republica, que estamos a olhar. Elle não existe de facto, *venuto al monde so per fare fame*. O que existe realmen-



EM ARARAS — 1) CASA DE CARIDADE — SANTA FÉ — 2) UM DIA DE FEIRA

te é o nosso desejo que faz o milagre em troco da excepção daquelles que melhoram os corações.

A verdadeira verdade está em venerar-os sem a cicuta da analyse, ingenuamente, celestialmente, como as creanças. Christo existiu tal qual nos contam.

Ainda mais: Christo existe, nascido em Bethlém, annuciado pelos gallos.

Talvez trinta e quatro annos depois de ler, andar, ansiar, interrogar, ouvir e sempre sofrer, cheguei á realidade de que o meu maior professor e o mais sabio e o mais perfeito foi a tia Themoclés, contando-me as historias absolutamente verdadeiras do *Pequeno Polegar*, do *Chapéusinho Vermelho*, da princeza que se transformava em pomba quando lhe enterravam um alfinete. E que me explicou o que dizem os gallos ao romper do dia.

Assim, nas matinas de Natal, eu ainda não vou á missa — e desconsoladamente bato a

ca vâ — não páro a peregrinação pelos *bisements de nuit*, como o meu velho sempre Irvias, para resar o sacrificio da missa. Eu já não estou bebendo champagne. Estou em inebriamento purificador e virginal da surpresa prompto para partir para um dia de surpresa, ansioso do mysterio, encostado a uma janella como quando tinha quatro annos e sabia tantas coisas do céu, sem poder me lembrar dellas. No espaço patido d'amor, as estrellas dormiam. E eu ouço os gallos, perto, em todos os longes, mais longe, annunciando a vida de maior bondade.

— Christo nasceu!

— Onde?

Em Bethlém!

Não! Decididamente os gallos dizem, na madrugada do Natal, a maior verdade. Acreditam nella todas as creanças, como eu fui, e todos os homens que ainda não perderam de

NOTAS ELEGANTES

ANNIVERSARIOS:

PROFESSOR CORIOLANO DE MEDEIROS: Occorreu no dia 30 de novembro transacto o anniversario natalicio do illustrado professor Coriolano de Medeiros, director da Escola de A. Letras e nosso prezado collaborador.

S. a. foi por esse auspicioso motivo alvo de copiosas manifestações de apreço, por parte dos seus numerosos amigos e admiradores da sua brilhante mentalidade.

Embora tarde, apresentamos ao distincto anniversariante as mais affectuosas e sinceras saudações.

DIA 17 DE DEZEMBRO:

Passou nessa data a ephemeride natalicia do nosso illustre confrade Celso Mariz, director da secretaria da Assembléa Legislativa e redactor politico d'«A União».

«Era Nova» saúda desvanecidamente o festinado escriptor dos «Apanhados Historicos da Parahyba», enviando-lhe copiosas felicitações.

Revmo. d. Santino Coutinho, arcebispo de Belém, do Pará, e figura de grande prestigio no clero brasileiro.

DIA 19: Academico João G. de Medeiros, segundannista da Faculdade de Medicina da Bahia.

DIA 20: A graciosa menina Suzette, filha do dr. Euripedes Tavaras, director da Cadca Ptilica desta capital.

DIA 31:

SENADOR ANTONIO MASSA: Anniversaria a 31 do andante o exmo. sr. senador Antonio Massa, embaixador da Parahyba no Senado da

Republ. e membro dos mais proeminentes da politica de nossa terra.

vta autorizada já se tem feito notar no parlamento brasileiro, receberá, certamente, na data de seu anniversario, inqumeras provas de consideração e apreço dos seus numerosos amigos, correligionarios e admiradores.

Ao senador Antonio Massa estendem anticipadamente as cordias e respeitadas felicitações da «Era Nova».

NASCIMENTOS:

NILTON — Felicidades o nosso distincto amigo sr. J. Cláudio Monteiro da Franca e sua exma esposa d. Zira Machado da Franca, pelo nascimento do seu primogenito Nilton, occorrido no dia 14 do mes.

CASAMENTOS:

Consociaram-se na cidade de Arara no dia 12 o sr. Horacio de Almeida, nosso illustrado collaborador, e a grata senhorinha Corymba Freitas, ornamento distincto da sociedade daquelle terra, e filha do cel. Torquato Freitas capitalista alli residente.

O jovem esposo fixaram residencia nesta capital, no aprazivel bairro de Troncheiras.

Participaram-nos o seu enlace matrimonial, occorrido no dia 7 do mes, em Campina Grande, o sr. Severino Medeiros e sua digna esposa, d. Isabel Eloy de Medeiros.

ESPOSAES:

Sob promissoras auspicias, annociam-se para breve os esposas do sr. Joaquim Schuller, interessado da Casa Pina de esta praça, com a gentilissima senhorinha Maria Amelia Rega, filha do sr. cel. Severino Rega, proprietario nesta capital.

Os promettidos pertencem á alta sociedade parahybana.

O sr. Joaquim Schuller é cavalheiro de invulgares predicados moraes e excellentes dons de espirito que o fazem estimado na classe a que pertence e nas melhores rodas do nosso meio; mlle. Maria Amelia, pelas suas graças e pelas suas virtudes, é uma das mais distinctas figuras do escol elegante da Parahyba.

Era Nova cumprimenta os distinctos noivos.

— Prometteram-se em casamento a graciosa senhorinha Maria do Céu Silva, distincto ornamento da nossa sociedade, e o sr. tenente Inaldi Tupper, brioso official do nosso exercito pertencente a conceituada familia carioca.

Senhorinha Maria do Céu é filha do adiantado industrial de nossa praça sr. cel. Tito Silva e irmã do nosso prezado collaborador dr. Edesio Silva, funcionario federal.

Auguramo-lhes felicidades.

VIAJANTES

PROFESSOR PEDRO DE ALMEIDA — Após uma estadia de curta demora nesta capital, retornou esta quinta ultima á cidade de Bananeiras o sr. Pedro de Almeida, director do Instituto Bananeirense, um dos educandarios mais conceituados deste Estado.

O distincto preceptor conterraneo viera á Parahyba com o intuito especial de acompanhar alumnos daquelle estabelecimento de ensino inscriptos nos exames parcellados do Lyceu Parahybano, tendo os mesmos obtido lisongreiras approvações nas diversas materias a que se submeteram.

Ao sr. Pedro de Almeida felicitamos pela positividade de seus esforços, sobejamente demonstrados no resultado desses ultimos exames, cujas approvações se elevaram a 42, ficando, portanto, em invejaveis condições o modelar collegio que obedece actualmente á sua applaudida direcção.

RANULPHO GUIMARÃES — Segue depois de amanhã para a vizinha capital do sul, em cuja Faculdade de Direito vai prestar exames, o joven conterraneo Ranulpho Pessoa Guimarães. Ao esperançoso academico desejamos brilhante exito na carreira a que se destina.

DR. PAULO DE MAGALHÃES

Acaba de concluir o curso de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade do Recife o nosso distincto confrade Paulo de Magalhães, illustre redactor d'«A União», e nosso prezado collaborador.

O brilhante jornalista, que desfructa em nosso meio o prestigio a que faz jus, pelas suas notorias e invulgares qualidades de espirito, também já se exercita galliardamente nas lides forenses deste Estado, por isso que se lhe auspica victoriosa a carreira que abraçou.

Felicitamos prazerosamente o nosso distincto collega de imprensa.

DOUTORANDO RENATO AZEVEDO — Acaba de fazer, com distincção, o 5.º anno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o nosso joven e talentoso conterraneo Renato Azevedo, filho do conceituado clinico parahybano dr. Azevedo Silva.

Ao novel doutorando Renato Azevedo e á sua illustre familia enviamos os nossos cordiaes parabens.



Republ. e membro dos mais proeminentes da politica de nossa terra.

O illustre nataliciano, cujo prestigio e pala-

ÉCOS DE UMA NOVELLA

O nosso illustre e prezado collaborador dr. José Americo de Almeida continúa a receber, de quando em quando, os mais inequívocos testemunhos de quanto foi bem recebida nas elites intellectuaes do paiz a sua impressionante novella—*Reflexões de uma cabra*.

Já tivemos occasião de publicar por varias vezes o juizo da critica nacional, em torno a esse trabalho litterario, que affirmou definitivamente as raras qualidades de escriptor do nosso brilhante patricio.

Agora temos a maior satisfação de transcrever abaixo a carta que o dr. José Americo de Almeida vem de re-

ceber do sr. Conde de Affonso Celso, uma das figuras primaciaes das lettras nacionaes, membro da Academia Brasileira de Lettras e presidente do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1922.

Só agora tive ensejo de ler a novella—*Reflexões de uma cabra*—, do meu digno confrade sr. José Americo de Almeida, a quem agradeço a remessa, com amavel dedicatória, de um exemplar daquelle interessante trabalho, que é valioso documento de indiscutível merito litterario.

Queira apertar a mão, que affectuosamente lhe estende o

CONDE DE AFFONSO CELSO.

S. Guimarães Sobrinho

Viajará nesses dias para a vizinha capitania, aonde o levam negocios de seu particular interesse e desta revista, o nosso querido companheiro de redacção S. Guimarães Sobrinho.

A ausencia do nosso brilhante redactor-chefe se bem que seja por poucos dias, deixa intactamente um claro aberto nesta casa, onde a sua acção dirigente tem sido o principal elemento de nossas victorias.

Ao prezado collega desejamos uma feliz estada na capital pernambucana, e um breve regresso á nossa companhia.

Atelier photographico

Acaba de abrir o seu atelier photographico nesta capital, no predio contiguo a esta redacção, os srs. Paiva & C., que se acham bem aparelhados para servir ao publico para o bano no serviço concernente á sua arte.

ENSAIOS LITTERARIOS

DIVINA APPARIÇÃO

(PHANTASIA)

Linda maná de aragem macia e suave. Lenita, a despretoccupada e ingenua donzella, chega á beira mar e como espelhasse e não visse ninguém, começou machinalmente a traçar lettras e garatujas na areia prateada da praia. A seus pés, o velho mar num ruzorejar contínuo, sacudia as ondas encapelladas e caprichosas, que, rendilhadas de espumas, apagavam aquellos desenhos, molhando-lhe as pontas niveas dos pequeninos dãos.

Lenita quasi que não apercebia o marulhar do oceano, tão pensativa ouvia a Natureza embalada pelo concerto sonoro dos passaros.

A sua imaginação perdia-se tristemente em mil coisas mas, através de tudo isto, alli ante os mysterios inauditos do mar, ella sentia-se só, completamente só, na vitivez dolorosa de seu coração. Completara dias antes 20 annos, prendada de dotes physicos que a faziam uma linda mulher, na exuberancia plena de sua radiosa mocidade e de dotes moraes que a blindavam o espirito e o coração, bella e eduenda, todavia, ainda não tivera uma afeição, um simples pretendente, uma passageira preferencia! Quantas outras, conhecia, menos bellas do que ella, sem os seus attractivos e os seus encantos, entretanto, tinham o objecto constante de seu pensamento, amavam e eram amadas... de-veriam viver num paraíso!

—Ai, quão infeliz era não conhecendo o amor, esse sonho divino, que faz scintillações e a alma nos enche de estranho não sei que, o amor que domina, o amor que fascina, o amor que dá coragem, o amor que nos dá gloria, amor que nos enleva, que é a vida, tudo... eu quizera senti-lo por toda minha vida, transformar a tristeza em hymno de alegria e da existencia a ris, cantando eterna aria, dizer ao mundo inteiro o que o amor produz!

E assim, nesses scismares, em languidos suspiros, a vista levantou e viu surgir das vagas, qual sombra de mysterio e repousar na praia, uma creança meiga e de cabellos brancos!...

Veio-lhe a idéa fatal que essa creança escapara da morte alli em meio das ondas. Estendendo-lhe os braços, diz afflicta:

Oh meiga criançainha, quem sois, quem é vossa mamã! quem é vosso papá? E a creança responde com voz doce e corvente:

—Eu sou o amor, o amor envelhecido, com corpo de creança e de cabellos brancos, o amor que se transforma, o amor que tudo faz, o amor que purifica e que ao abysmo leva amor que faz a luz, amor que faz a treva.

Eu sou o amor, o amor que Deus ha feito a maior criação das grandes obras suas!

Sou o amor, amor incomprehendido, a lãboa certa da redempção do mundo!

Sem mim seria a vida um caos horrivel. Se aquelles que em mim talam possuem-me sentir com pureza e ardor, em todas as acções suas, transformava-se o mundo de repente, fogia a dor, a fome e a miseria e haia de reinar sómente o amor!

E entre a escuridão da noite, que desce, o vulto pequenino desaparecia.

Era uma visão, visão imaginaria de quem vive a sonhar e tem a alma em devaneios.

O amor existe em nós e entre nós e vem p'ra nos dar alegria e consolar o triste.

VIRGINIA DE ALENCAR

BACHAREIS DE 1922

DR. AGRIPPINO NOBREGA

Noutra pagina desta revista, estampamos o retrato do dr. Agrippino Nobrega, ultimamente laureado pela Escola de Direito do Recife.

O novo bacharel, que é nosso esforçado correspondente em Guarabira, onde ingressou promissoramente na advocacia, ha recebido provas de apreço pelo termino de seu curso juridico.

«Era Nova» envia parabens ao seu digno

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Complete sortimento em fazendas, miudezas, pertencentes, roupas, etc. - Especialidades em cha-cha de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, platinelas, cretonas, molins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filial: Rua da Republica, nos 454 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Complete sortimento
de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades,
para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em grava-
tadas, collarinhos, meias, camisas
e perfumes.

Depositarios dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 - Parahyba

LEGITIMOS

Bandelles Napolitanos

RECEBERU A

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RAITAGASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro N. 163

"A ELITE"

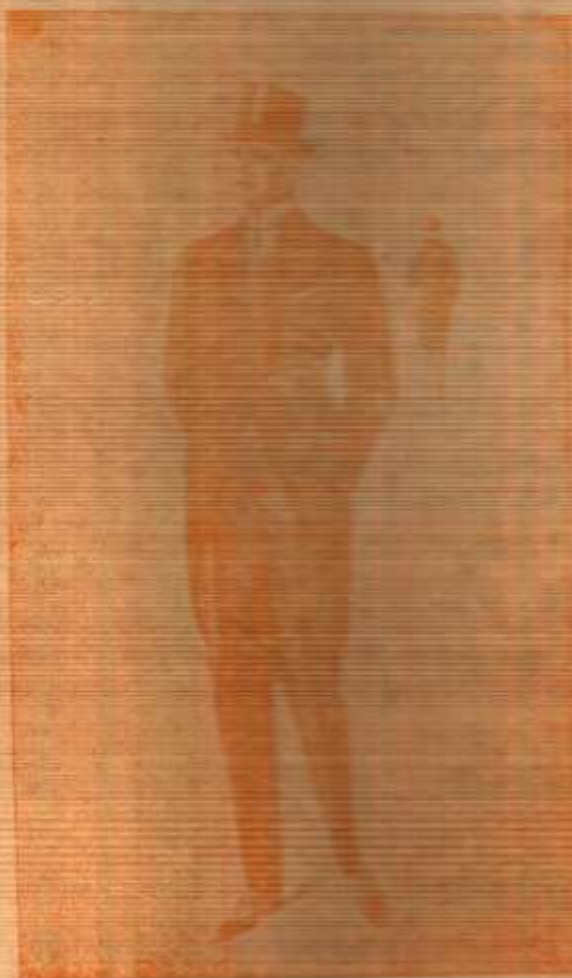
LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro - 211

PARAHYBA

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA
E

PERFEIÇÃO

• II •

ULTIMA MODA

• II •

Sob a dire-
ção cri-
teriosa de
habeis cor-
tadores
Italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Pinheiro - 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE

QUER SER FELIZ?

TODOS OS SEUS DESEJOS SERÃO REALIZADOS EM MENOS DE OITO DIAS!

Terá sorte no jogo, loterias, amor, empregos, commercio, viagens, exames, concursos, amizades, bom casamento, reconciliações com esposas, amantes e inimigos.

Enviar o nome e endereço com envelope sellado para resposta.

PEDIR À CAIXA POSTAL 38.

ESTADO DO RIO-NITHEROY.

Tenha pena de sua esposa
e de seus filhos

Tome o **ELIXIR "914"**

Em cada 10 nascimentos, 9 crianças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o **ELIXIR "914"**. 95% dos abortos provêm da syphilis. O **ELIXIR "914"** evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O **ELIXIR "914"** é um tónico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injeções e sem aficar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o **ELIXIR "914"**. O **ELIXIR "914"** é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contém iodureto. Agradavel como um licor.

Depositarios: **GALVÃO & Cia.**

AVENIDA S. JOÃO N. 145

S. PAULO

NÃO HA MAIS MORTES

EM CONSEQUENCIA DE HEMORRHAGIAS
NOS PARTOS TOMANDO A

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar a luz. Evita as dores dos partos, corta as hemorragias antes e *post-partum*. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflammções dos ovarios, Suspensão das regras e todos os males que atacam a mulher. A **«FLUXO-SEDATINA»** é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brasil.

Recommenda-se aos medicos e par-teiras.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Depositarios: **GALVÃO & C.^{IA}**

Av. São João, n. 145.

S. PAULO

CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até creanças podem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

*A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.*

*A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os Films e Chapas por preços modicos.*

CAIXA POSTAL - 19

RUA MACIEL PINHEIRO N. 29

PARAHYBA DO NORTE

Ford

O AUTO UNIVERSAL

Furgão 5 passageiros	5.500\$
Caminhão, médio	5.400\$
Tractor, Fordson	8.000\$

Officina completa para concerto
e estufa para pintar

Venda de peças legítimas FORD

Agencia Ford—MONTEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO



ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, accel-
tando trabalhos para o Interior.

Expediente: das 10. ás 16 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMERCIAL — PARAHYBA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro □ Parahyba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190.

Chapéos para senhoras e crianças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

MERCEARIA MODELO

IMPORTADORES

DE

* GENEROS ALIMENTICIOS DE *
PRIMEIRA QUALIDADE, BEBIDAS
FINAS, CONSERVAS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 123

Telephone, 250.

PARAHYBA

ELIXIR DE CANINANA E

JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELA PHARMACEUTICO
OVIDIO DUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recentes,
dartharos, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adome-
mentos dos membros e qualquer molestia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo!

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do
Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!...

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL - PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital - Droguaria Pessoa

LOTERIA DE SANTA CATHARINA

MODELADA PELA LOTERIA DO RIO GRANDE DO SUL

30, 50 e 100 CONTOS DE REIS.

Por 8\$000, 11\$500 e 23\$000, respectivamente

Extrações semanais

Em urnas de crystal e bolas numeradas por inteiro, em
movimento continuo, por motor electrico.

Os bilhetes de 30 e 50 contos são divididos em decimos
e os de 100 contos em vigessimos

LA PORTA & Visconti

principaes e vende em toda parte.

Administração - RUA DEODORO, 14. - Florianopolis.

Os concessionarios - **La Porta & Visconti**

Socio-garante ANGELO M. LA PORTA, ex-socio-garante da Loteria
do Rio Grande do Sul.

N. B. - Nas localidades que não estão os bilhetes á venda poderão ser
adquiridos por intermedio do Banco os quaes comprarão os bilhetes comman-
cando as partes e respectivo numero, ou remettendo a esta administração a
respectiva importância e mais 1\$000 para o porte.

REFINAÇÃO E TRITURAÇÃO DE ASSUCAR

Est. telegr. — MURILLO — TELEPHONE — N. 204 — CASA POSTAL — N. 4

MURILLO LEMOS

ESTIVAS EM GROSSO

DEPOSITOS — Ruas: Desembargador Trindade ns. 129 e 157; Visconde de Inhaúma ns. 30 e 68.
ESCRITORIO — Rua Maciel Pinheiro n. 255 — PARAHYBA

ARMAZEM DE DEPOSITO EM CABEDELO

BREVEMENTE

Edição especial e extraordinaria da *Empresa da Era Nova*, commemorativa do Centenario da nossa emancipação politica. Este numero constituirá uma linda edição com cerca de 300 paginas, impressas em magnifico papel couché e fartamente illustradas. Resumo das festas centenarias do interior e desta capital, com lindos clichés de seus principaes aspectos. Outros clichés de homens e cousas da Parahyba, e de formosos elementos da nossa * * sociedade feminina. Artisticas allegorias e feitura material irreprehensivel * *

PREÇO DE CADA EXEMPLAR — 10\$000

PERDIDAS Á GERENCIA DA ERA NOVA

“AGUIA DE OURO” D. FERNANDES & COMP.

DESLUMBRANTE SORTIMENTO DE SEDAS CREPES, GAZES ESTAMPADAS, VOILE, CACHIMIRAS, ORGANDIS, BENGALINS, ESPLENDIDAS QUARNÇÕES DE FILÓ PARA CAMA; CHAPÉOS, CAMISAS GRAVATAS, PERFUMARIAS DOS MELHORES FABRICANTES E UMA INFINIDADE DE ARTIGOS DE BOM GOSTO.

PREÇOS EXCEPCIONAES — AGRADO E SINCERIDADE
AVENIDA BEAUREPAIRE RONHAN — 274



AGUARDEM

A edição da "ERA NOVA"

COMMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

